

EDITORIAL

O Curso de Economia FAE Centro Universitário disponibiliza a revista eletrônica mensal *Vitrine da Conjuntura*, correspondente a maio de 2016. Este número contém três artigos, abrangendo assuntos relativos à política e à economia brasileira, além das seções permanentes do Panorama Econômico e dos Indicadores.

O primeiro texto avalia a argumentação governamental a respeito da ocorrência de uma trama golpista no País, capitaneada pelas correntes de oposição, ignorando o conjunto da obra geradora da crise atual. O segundo artigo descreve o desfecho melancólico da administração Dilma, recheado de ofertas de benesses ao legislativo no afã de evitar a instauração do processo de impedimento. Já a terceira incursão interpreta a influência do profundo cenário recessivo na minimização da vulnerabilidade externa da nação.

Excelente leitura.

Gilmar Mendes Lourenço

Editor

EQUIPE TÉCNICA



Carlos Ilton Cleto

Economista, doutor em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor da FAE.



Gilmar Mendes Lourenço

Economista, mestre em Gestão de Negócios pela Universidade Federal de Santa Catarina, professor da FAE, eleito “O Economista Paranaense Acadêmico do Ano de 2011”, pelo Corecon/PR, e vencedor do Prêmio “Imprensa”, em 2011, 2012, 2013 e 2014, na categoria gestor de empresa pública, oferecidos pelo grupo Quality TV & Jornais.



Gustavo Nunes Mourão

Economista, mestre em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá e professor da FAE.

A AMNÉSIA DO GOVERNO DILMA

Gilmar Mendes Lourenço

Em simultâneo à constatação da inevitabilidade do encurtamento do mandato presidencial de Dilma Rousseff, por meio de impedimento previsto na Carta Magna, sob a tese e argumentação de crime de responsabilidade, cometido pela mandatária, percebe-se a proliferação da defesa de ocorrência de golpe, por parte das autoridades palacianas, materializada na indução à multiplicação das manifestações contrárias, lideradas por entidades e movimentos sociais atrelados ao lulopetismo.

Paradoxalmente, diante da certeza de jogo perdido, a insistência na estratégia de convencimento da população acerca da verificação de orquestração de um espetáculo autoritário voltado à retirada do poder político conferido pelas urnas a chefe de estado, no final de 2014, para gerenciar a nação até 2018, reflete o desejo de preservação da mobilização da militância para a colheita de dividendos eleitorais no próximo pleito presidencial.

Dentre os ingredientes integrantes do rótulo da trama golpista ressaltam as raízes explicativas do malogro da gestão Dilma. Na retórica do staff do planalto, a ruína econômica estaria associada ao ferrenho cumprimento de uma espécie de programação do caos, pelas correntes oposicionistas, assentado na inviabilização da aprovação das propostas econômicas corretivas, encaminhadas pelo executivo ao legislativo, ainda em 2015, na direção da construção do cenário do “quanto pior melhor”.

*Ao culpar as
oposições pela crise,
o governo ignora, de
maneira deliberada,
as principais marcas
da administração
petista nos tempos
recentes: falta de
responsabilidade
fiscal e
intervencionismo
populista.*

Ao imputar o insucesso da gestão e o aprofundamento do quadro recessivo exclusivamente às supostas barreiras erguidas pelos adversários, por ocasião da tramitação das medidas voltadas à produção do ajuste fiscal, no Congresso Nacional, o governo tenciona, de maneira deliberada e oportunista, ignorar as verdadeiras origens da instabilidade atual, escoradas em dois pilares, bastante visíveis, que representam as principais marcas da administração petista nos tempos recentes: falta de responsabilidade fiscal e intervencionismo populista.

Pelo ângulo do desnível das finanças públicas emerge a substancial expansão dos dispêndios, desde a eclosão da crise financeira internacional, em setembro de 2008, e a subsequente drástica redução da entrada da poupança exógena. O maciço ingresso de haveres externos fora propiciado pelo ciclo ascendente das relações de troca, gerado pela contínua elevação das cotações das commodities alimentares, metálicas e minerais entre 2003 e 2008, ancorada na enorme impulsão da demanda chinesa.

Mais que isso, a combinação entre forte presença e participação das instituições financeiras oficiais no fornecimento de crédito subsidiado para a cobertura da expansão do consumo das famílias e do governo e do giro e dos investimentos de um número reduzido de grandes corporações, ligadas à aliança hegemônica de poder, e promoção de renúncias tributárias, direcionadas a segmentos escolhidos por critérios pouco transparentes, resultaram na explosão do déficit e da dívida pública e, por extensão, na retirada do grau de investimento, que havia sido concedido

ao País pelas agências internacionais de rating ao País, em 2008. Sem contar a contínua compressão da arrecadação tributária, experimentada desde 2014, por conta do aprofundamento da retração dos níveis de atividade.

Na frente de intervenção estatal sobressaíram as preocupações com o controle artificial da escalada inflacionária, por meio da decisão unilateral de diminuição das tarifas de energia elétrica, do represamento dos preços dos combustíveis e das frequentes incursões no mercado cambial, com objetivo de apreciação da moeda nacional.

Por certo, trata-se de um conjunto de escolhas equivocadas que, somado aos efeitos do aparelhamento partidário das empresas estatais e à celebração de relações promíscuas com empreiteiras de porte, visando à sustentação financeira das campanhas eleitorais, promoveu disfunções sem precedentes na microeconomia, o que comprometeu, irremediavelmente, fluxos de caixa, investimentos, ganhos de produtividade, emprego e, principalmente, o futuro.

Os maiores obstáculos à aprovação das mudanças institucionais capazes de recuperar a saúde fiscal do estado foram colocados pelas agremiações componentes da base aliada do governo Dilma.

Além dos evidentes esforços governamentais para o endereçamento da nação rumo ao abismo econômico, seria ocioso sublinhar que, do ponto de vista político, os maiores obstáculos à aprovação, no Congresso, das mudanças institucionais capazes de deflagrar a devolução dos requisitos imprescindíveis à recuperação da saúde fiscal do estado, foram colocados pelas agremiações componentes da base aliada, contrárias às alterações nas regras da previdência social, à desindexação do salário mínimo, à minimização das vinculações orçamentárias, dentre outros avanços também atrelados à recuperação da eficiência do aparelho de negócios operante no Brasil.

Nesse contexto, é prudente reiterar que o empenho no estabelecimento de nexos entre impeachment e conformação de um golpe constitui desprezo à lógica de funcionamento e consolidação das instituições democráticas do País, resgatadas gradualmente, pela via eleitoral, desde meados da ditadura militar, instaurada em março de 1964 e eliminada em março de 1985.

O MELANCÓLICO ENCERRAMENTO DO GOVERNO DILMA

Gilmar Mendes Lourenço

Na semana de debates voltados à decisão de aceitação (ou não) do processo de impedimento da presidente da república, pela câmara dos deputados, e encaminhamento ao senado, a sociedade brasileira assistiu a intensificação dos esforços de convencimento empreendidos pelo executivo junto ao legislativo, na tentativa de salvação do mandato de Dilma Rousseff e preservação até o final de 2018.

Observaram-se negociações de permuta de votos contrários ao impeachment, abstenções ou mesmo ausência de parlamentares na data da definição, por ocupação de cargos, em caso de continuidade da atual administração do palácio do planalto, acrescida de um coquetel nada desprezível de generosidades, na forma de emendas ao orçamento e retorno de práticas econômicas de inclinação populista.

Partindo da hipótese, pouco provável, de a mandatária continuar ocupando formalmente o posto de chefe de estado, parece razoável argumentar o delineamento de mais um conjunto de promessas a ser descumprido, de modo semelhante ao acontecido em 2015, quando os diagnósticos proferidos e os compromissos assumidos nos palanques, no ciclo eleitoral de 2014, foram, respectivamente, alterados e abandonados.

Isso porque, de um lado, pela lógica econômica, que, aliás, nem sempre prevalece, inexistente qualquer espaço orçamentário para a ressurreição das estripulias fiscais e tributárias cometidas entre 2008 e 2015. De outro, no terreno político, não há sustentação consistente do governo no congresso que propicie a aprovação de qualquer item relevante das reformas institucionais, evento que deve ser agravado pelas incertezas subjacentes à evolução e aos desdobramentos do pleito municipal de 2016, referência para a preparação das trincheiras e arregimentação dos arsenais para as eleições de 2018.

O pior é que o déficit de amparo político e popular, exceto aquele manifestado compulsoriamente por alguns movimentos sociais, representa o maior obstáculo à restauração da consistência macroeconômica - por meio de realismo cambial, controle da inflação e regresso da responsabilidade fiscal -, indispensável à reversão do clima de desconfiança, reinante na microeconomia, esfacelada durante anos de intervencionismo, pautado em retórica e ações concebidas a partir do pressuposto de que o estado pode tudo, desde que seja para proteger os pobres e oprimidos da exploração secular das elites.

Por essa linha de apego, emergiu a justificativa de aparelhamento partidário das principais estatais, produtivas e financeiras, e dos respectivos fundos de pensão, estes últimos com ramificações em empreendimentos nebulosos - tendo como exemplos a usina de Belo Monte e a Sete Brasil, construtora de sondas para o pré-sal, nascidos para o registro de prejuízos eternos ou falência, respectivamente -, em detrimento do aprofundamento da adoção de contemporâneos procedimentos de gestão organizacional.

Em meio ao fracasso dos leilões de infraestrutura, em consequência do imbróglio regulatório e da imposição de controle oficial na rentabilidade das concessões, passou a predominar a proliferação do superfaturamento de contratos de obras e operações patrimoniais, fruto de relações promíscuas entre membros da aliança hegemônica de poder e grandes corporações, destinadas ao levantamento de recursos para a cobertura das demandas financeiras das campanhas eleitorais.

Pela ótica social, o represamento dos reajustes dos preços dos combustíveis, desconectado da trajetória ascendente das cotações internacionais do petróleo, junto com a redução não negociada das tarifas de energia elétrica, assegurou, de modo artificial, as circunstâncias favoráveis à perenização do boom de consumo, vitaminado ainda por crédito público abundante e subsidiado e renúncias de impostos.

Não foram acidentais os espetáculos de desorganização, descapitalização, endividamento e engavetamento de planos de expansão dos setores elétrico e petrolífero.

Logo, não foram acidentais os espetáculos de desorganização, descapitalização, endividamento e engavetamento de planos de expansão do setor elétrico e desmonte da cadeia produtiva ligada à Petrobras e do segmento de biocombustíveis. Mais especificamente, a transformação da estatal de petróleo na empresa não financeira de capital aberto mais endividada do planeta tem raízes em opções por projetos inviáveis, como as refinarias Abreu Lima, em Pernambuco, e o polo petroquímico do Rio, para os quais havia estudos internos à companhia, identificando taxas retorno inferiores às inversões de capital.

A ruína também derivou de incursões aventureiras, como a compra de Pasadena, nos Estados Unidos, por valores que suplantaram, com larga margem, aqueles resultantes dos critérios mais elementares de avaliação de ativos, além da preferência deliberada pela impulsão de custos, através do programa de aquisição de insumos e componentes nacionais a preços bastante superiores aos verificados na fronteira internacional.

Não surpreende o fato de a participação da indústria de transformação - segmento nobre de qualquer aparelho de negócios, em virtude dos enormes efeitos irradiadores dinâmicos para frente e para trás, por ele proporcionados - na geração do produto interno bruto (PIB) brasileiro, ter experimentado substancial declínio em pouco mais de uma década, passando de 17,8%, em 2004, para 11,4%, em 2015, contra avanço da fatia dos serviços de 65,8% para 72,0%, no mesmo intervalo.

Decerto, os exercícios de prospecção do tempo e das prováveis feições econômicas de encerramento do governo Dilma constituem meras atividades de futurologia, ainda que cimentados em pilares técnicos. Porém, é lícito argumentar que a herança de destroços assumirá dimensões e componentes sem precedentes na história da república brasileira.

O PESO DA RECESSÃO NO AJUSTE EXTERNO BRASILEIRO

Gilmar Mendes Lourenço

A mais avassaladora e prolongada retração econômica, que atinge o País desde o primeiro trimestre de 2014, vem produzindo, em contraste como uma gama de desdobramentos negativos, rápida e substancial diminuição do desequilíbrio das contas externas brasileiras, mensurado através do déficit em transações correntes, que inclui a balança comercial e de serviços (assistência técnica, transportes, seguros, royalties, remessas de lucros e dividendos, pagamento de juros e turismo) e as transferências unilaterais (formadas por remessas de imigrantes, doações e despesas efetuadas por embaixadas).

De fato, ao lado da flagrante deterioração dos indicadores econômicos correntes e antecedentes, e das variáveis subjacentes ao ambiente político, observa-se pronunciada diminuição do buraco nas operações realizadas entre os agentes econômicos operantes na nação e aqueles do resto do mundo, que recuou de -US\$ 104,2 bilhões, no exercício fechado de 2014, quando equivalia a mais de 4% do produto interno bruto (PIB), para -US\$ 41,4 bilhões, em doze meses encerrados em março de 2016, ou 2,4% do PIB.

Tal desempenho pode vir a transmitir a forte, porém equivocada, impressão de ocorrência de um ajuste estrutural no balanço de pagamentos brasileiro, na direção do abrandamento, ou até mesmo eliminação, da vulnerabilidade externa, especialmente quando considerada a retomada dos superávits na balança comercial, que atingiram US\$ 8,4 bilhões, no primeiro quadrimestre de 2016, contra déficit de -5,5 bilhões, no mesmo período de 2015.

Ainda que expressiva, a cifra positiva, em vez de resultar da ativação de elementos estruturais, capazes de reanimar a corrente de comércio do País, repousa em fatores de perturbação e/ou instabilidade, evidenciados pela maior velocidade do decréscimo das importações (-32,2%) vis a vis as exportações (-3,4%), no intervalo em tela, culminando em contração de -18,4% nos fluxos totais de comércio, cujo nível chegou a cerca de 1/3 do pico registrado em 2010.

Essa anomalia decorre da combinação entre aprofundamento e prolongamento do ciclo recessivo e depreciação do real - encarecendo e desestimulando as compras externas, especialmente de bens de capital e intermediários -, que vem colaborando decisivamente para o atraso nos investimentos e, por extensão, na modernização e eficiência do parque fabril.

Mesmo com o rearranjo dos preços relativos, acontecido em 2015, em favor da taxa de câmbio, as vendas externas tem esboçado reação extremamente tímida.

Mesmo com o rearranjo dos preços relativos, acontecido em 2015, em favor da taxa de câmbio, as vendas externas tem esboçado reação extremamente tímida, por conta da depressão das cotações das commodities minerais e metálicas, explicada pela conjugação entre queda contínua da demanda e elevação de estoques, puxada pelo enfraquecimento do desempenho chinês, e da influência da morosa recuperação do comércio global de manufaturas, não compensada pela reação do mercado latino americano, especificamente na área de material de transporte.

Ressalte-se o peso da recessão e do câmbio depreciado na performance positiva de alguns itens da balança de serviços, principalmente no encolhimento das despesas líquidas com viagens internacionais (gastos dos brasileiros no exterior versus estrangeiros no território nacional), aluguel de equipamentos e propriedade intelectual. Já, nas transferências unilaterais, as remessas líquidas de brasileiros residentes no exterior reassumiram posição de destaque.

Mesmo que venha a contribuir para o afastamento de riscos de corridas especulativas contra o real, notadamente em tempos de dificuldades de captação de recursos nas praças globais vinculadas à perda do grau de investimento, a amenização do rombo na contabilidade externa revela-se insuficiente para virar o jogo recessivo da absorção interna.

Até porque, o desnível vem sendo coberto por fontes voláteis, amparado no ingresso líquido de haveres estrangeiros fisgados pelo barateamento dos ativos brasileiros em moeda forte, e pelo hiato entre juros básicos domésticos e os internacionais, que conspiram, inclusive, para a revalorização do real, em um contexto de fartura de liquidez nos mercados avançados que operam com taxas nominais negativas.

INDICADORES

EXPECTATIVA MÉDIA ANUAL DO MERCADO PARA A ECONOMIA BRASILEIRA: PIB, JUROS, CÂMBIO E INFLAÇÃO - 2016-2020

| ANO | TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB | TAXA DE JUROS SELIC | TAXA DE CÂMBIO R\$/US\$ | TAXA DE INFLAÇÃO IPCA |
|------|----------------------------|---------------------|-------------------------|-----------------------|
| 2016 | -3,88 | 13,16 | 3,74 | 6,96 |
| 2017 | 0,49 | 11,80 | 3,93 | 5,73 |
| 2018 | 1,62 | 11,10 | 4,01 | 5,23 |
| 2019 | 2,03 | 10,82 | 4,08 | 4,98 |
| 2020 | 2,14 | 10,51 | 4,06 | 4,89 |

FONTE: Banco Central do Brasil, GERIN. Com base nas expectativas de 29/04/2016

NOTA: Meta para taxa de juros SELIC e taxa de câmbio para o final do ano

DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO (% PIB) – COMPARAÇÃO MENSAL ÚLTIMOS 10 ANOS – MARÇO 2006-2016

| MAR/ ANO | GOVERNO FEDERAL | BACEN | GOVERNOS ESTADUAIS E MUNICIPAIS | EMPRESAS ESTATAIS | SETOR PÚBLICO CONSOLIDADO |
|-------------|-----------------|-------|------------------------------------|-------------------|------------------------------|
| 2006 | 30,64 | 0,19 | 15,74 | 1,09 | 47,66 |
| 2007 | 30,17 | 0,23 | 14,58 | 0,82 | 45,81 |
| 2008 | 28,42 | 0,23 | 13,56 | 0,79 | 43,00 |
| 2009 | 24,89 | -0,72 | 13,05 | 0,82 | 38,04 |
| 2010 | 28,54 | -1,17 | 11,87 | 0,66 | 39,91 |
| 2011 | 26,73 | -1,12 | 11,30 | 0,63 | 37,54 |
| 2012 | 24,27 | -0,97 | 10,46 | 0,54 | 34,30 |
| 2013 | 22,40 | -1,15 | 10,61 | 0,58 | 32,45 |
| 2014 | 20,82 | -0,97 | 10,52 | 0,58 | 30,96 |
| 2015 | 21,82 | -2,00 | 11,55 | 0,74 | 32,11 |
| 2016 | 28,48 | -2,72 | 12,20 | 0,91 | 38,86 |

FONTE: Banco Central do Brasil, DEPEC

INDICADORES

EVOLUÇÃO DIÁRIA DO ÍNDICE BOVESPA (IBOVESPA) – ABR/2015–MAR/2016

| DIA | JAN/16 | FEV/16 | MAR/16 | ABR/15 | MAI/15 | JUN/15 | JUL/15 | AGO/15 | SET/15 | OUT/15 | NOV/15 | DEZ/15 |
|---------------|-----------|----------|-----------------|-----------|----------|-----------|-----------|----------|-----------|-----------|----------|----------|
| 1 | | 40570,03 | 44121,79 | 52.321,56 | | 53.031,31 | 52.757,53 | | 45.477,06 | 45.313,27 | | 45076,45 |
| 2 | | 38596,16 | 44893,48 | 53.123,02 | | 54.236,43 | 53.108,18 | | 46.463,96 | 47.033,46 | | 44914,06 |
| 3 | | 39588,81 | 47193,39 | | | 53522,90 | 52519,40 | 50138,04 | 47.365,87 | | 48053,66 | 46393,26 |
| 4 | 42141,03 | 40821,73 | 49084,86 | | 57353,98 | | | 50058,48 | 46.497,72 | | 47710,09 | 45360,75 |
| 5 | 42419,32 | 40592,09 | | | 58051,61 | 52973,37 | | 50287,27 | 60.681,98 | 47.598,06 | 48046,75 | |
| 6 | 41773,14 | | | 53737,26 | 57103,14 | | 52149,37 | 50011,32 | | 47.735,11 | 46918,51 | |
| 7 | 40694,72 | | 49246,10 | 53729,16 | 56921,39 | | 52343,71 | 48577,32 | | 48.914,32 | | 45222,69 |
| 8 | 40612,20 | | 49102,13 | 53661,11 | 57149,33 | 52809,63 | 51781,74 | | 46.762,07 | 49.106,55 | | 44443,25 |
| 9 | | | 48665,09 | 53802,66 | | 52815,99 | | | 46.657,09 | 49.338,41 | 46194,92 | 46108,02 |
| 10 | | 40376,58 | 49571,10 | 54214,11 | | 53876,44 | 52590,72 | 49553,00 | 46.503,99 | | 46206,56 | 45630,70 |
| 11 | 39950,49 | 39318,30 | 49638,67 | | 57197,10 | 53688,51 | | 49072,34 | 46.400,50 | | 47065,01 | 45262,72 |
| 12 | 39513,32 | 39808,04 | | | 56792,05 | 53347,53 | | 48388,04 | 56.927,81 | | 46883,57 | |
| 13 | 38944,44 | | | 54239,77 | 56372,04 | | 53119,47 | 48009,56 | | 47.362,63 | 46517,03 | |
| 14 | 39500,10 | | 48867,33 | 53981,92 | 56656,57 | | 53239,17 | 47508,40 | 47.281,01 | 46.710,43 | | 44747,31 |
| 15 | 38569,12 | 40092,89 | 47130,02 | 54918,74 | 57248,63 | 53137,53 | 5290828 | | 47.364,06 | 47.161,15 | | 44872,06 |
| 16 | | 40947,69 | 47763,43 | 54674,21 | | 53702,15 | 53.069,75 | | 48.553,09 | 47.236,10 | 46846,87 | 45015,84 |
| 17 | | 41630,81 | 50913,78 | 53954,79 | | 53248,54 | 52341,80 | 47217,42 | 48.551,07 | | 47247,80 | 45261,47 |
| 18 | 37937,27 | 41477,63 | 50814,65 | | 56204,23 | 54238,59 | | 47450,58 | 47.264,08 | | 47435,57 | 43910,59 |
| 19 | 38057,01 | 41543,40 | | | 55498,82 | 53749,41 | | 46588,39 | | 47.447,31 | 48138,88 | |
| 20 | 37645,47 | | | 53761,27 | 54901,92 | | 51600,07 | 46649,23 | | 47.076,55 | | |
| 21 | 37717,10 | | 51171,54 | | 55112,05 | | 51474,28 | 45719,64 | 46.590,19 | 47.025,86 | | 43199,95 |
| 22 | 38031,22 | 43234,85 | 51010,19 | 54617,36 | 54377,29 | 53863,67 | 50915,78 | | 46.264,60 | 47.772,14 | | 43469,51 |
| 23 | | 42520,94 | 49690,04 | 55684,85 | | 53772,43 | 49806,62 | | 45.340,11 | 47.596,58 | 48150,27 | 44014,93 |
| 24 | | 42084,55 | 49657,39 | 56594,22 | | 53842,53 | 49245,84 | 44336,47 | 45.291,96 | | 48284,18 | |
| 25 | | 41887,90 | | | 54609,25 | 53175,66 | | 44544,85 | 44.831,46 | | 46266,63 | |
| 26 | 37497,47 | 41593,07 | | | 53629,78 | 54016,97 | | 46038,07 | | 47.209,32 | 47145,63 | |
| 27 | 38376,36 | | | 55534,50 | 54236,25 | | 48735,54 | 47715,27 | | 47.042,94 | 45872,41 | |
| 28 | 38630,19 | | 50838,22 | 55812,03 | 53976,27 | | 49601,59 | 47153,86 | 43.956,92 | 46.740,84 | | 43764,33 |
| 29 | 40405,99 | 42793,86 | 51154,99 | 55325,29 | 52760,47 | 53014,21 | 50245,14 | | 44.131,82 | 45.628,35 | | 43653,96 |
| 30 | | | 51248,92 | 56229,38 | | 53080,88 | 49897,40 | | 45.059,84 | 45.868,81 | 45120,36 | 43349,96 |
| 31 | | | 50055,27 | | | | | 50864,77 | | | | |
| MÍNIMO | 37.497,47 | 38596,16 | 44121,79 | 529321,76 | 52760,47 | 52809,63 | 48735,54 | 44336,47 | 43.956,62 | 45.313,27 | 45120,36 | 43199,95 |
| MÁXIMO | 42.419,32 | 43234,85 | 51248,92 | 56594,22 | 58051,61 | 54238,59 | 53239,17 | 50287,27 | 48.553,09 | 49.338,41 | 48284,18 | 46393,26 |

FONTE: Bovespa

NOTA: Índice Ibovespa é o valor atual, em moeda corrente, de uma carteira teórica de ações constituída em 2/1/1968 (valor-base: 100 pontos), a partir de uma aplicação hipotética. Supõe-se não ter sido efetuado nenhum investimento adicional desde então, considerando-se somente os ajustes efetuados em decorrência da distribuição de proventos pelas empresas emissoras (tais como reinversão de dividendos recebidos e do valor apurado com a venda de direitos de subscrição, e manutenção em carteira das ações recebidas em bonificação). Dessa forma, o índice reflete não apenas as variações dos preços das ações, mas também o impacto da distribuição dos proventos, sendo considerado um indicador que avalia o retorno total de suas ações componentes (IBOVESPA).

INDICADORES

DESEMBOLSOS DO SISTEMA BNDES SEGUNDO OS GÊNEROS INDUSTRIAIS – EM US\$ MILHÕES

| Gênero Industrial | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | Var.(%) 2015/14 |
|---|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|--------------------|
| Indústria de Transformação | 23.842 | 23.056 | 25.229 | 19.935 | 10.740 | -46,1 |
| Produtos Alimentícios | 3.135 | 2.381 | 3.296 | 2.577 | 1.434 | -44,4 |
| Bebidas | 912 | 711 | 376 | 481 | 264 | -45,1 |
| Produtos do Fumo | 7 | 3 | 9 | 1 | 0 | -80,4 |
| Produtos Têxtil | 931 | 623 | 468 | 251 | 135 | -46,3 |
| Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios | 596 | 746 | 423 | 271 | 178 | -34,1 |
| Couros, Calçados e Artefatos | 374 | 417 | 281 | 116 | 35 | -69,6 |
| Produtos de Madeira | 312 | 387 | 361 | 191 | 125 | -34,6 |
| Celulose, Papel e Prods. de papel | 853 | 2.157 | 1.812 | 1.732 | 1.059 | -38,8 |
| Impressão, Reprodução de Gravações | 76 | 91 | 72 | 57 | 29 | -48,8 |
| Refino Petróleo, Coque e Biocombustíveis | 2.657 | 3.114 | 3.367 | 2.218 | 693 | -68,8 |
| Produtos Químicos | 1.438 | 1.009 | 1.561 | 1.516 | 422 | -72,1 |
| Prod. Farmacêuticos e Farmacêuticos | 133 | 125 | 247 | 203 | 133 | -34,3 |
| Prods. de Borracha e Material Plástico | 906 | 1.124 | 1.176 | 624 | 267 | -57,2 |
| Produtos Minerais Não-Metálicos | 1.156 | 1.110 | 1.226 | 719 | 279 | -61,2 |
| Metalurgia | 1.491 | 1.270 | 1.163 | 1.061 | 986 | -7,1 |
| Produtos de Metal, exceto Máqs. e Equip. | 727 | 672 | 720 | 679 | 202 | -70,3 |
| Equipts.de Informática, Prods.de Eletr e Ópticos | 177 | 478 | 397 | 264 | 109 | -58,8 |
| Máqs. Aparelhos e Mats. Elétricos | 835 | 614 | 800 | 449 | 285 | -36,6 |
| Máquinas e Equipamentos | 1.647 | 1.714 | 1.958 | 1.226 | 595 | -51,5 |
| Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias | 2.799 | 2.317 | 3.269 | 2.213 | 904 | -59,1 |
| Outros Equip. de Transporte, Exc Veíc Automotores | 2.072 | 1.196 | 1.586 | 2.649 | 2.397 | -9,5 |
| Móveis | 391 | 518 | 435 | 259 | 120 | -53,5 |
| Produtos Diversos | 173 | 197 | 125 | 111 | 55 | -49,9 |
| Manutenção, Reparação e Instalação de Máqs.e Equip. | 44 | 82 | 102 | 67 | 32 | -52,3 |

FONTE: MDIC, BNDES

Obs. Últimos dados disponíveis

INDICADORES

NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA JAN 2014-JAN 2016

| Discriminação | Média 2014 | Média 2015 | 2014 | | | | | | | | | | | | 2015 | | | | | | | | | | | | 2016 |
|-----------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | | | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez | Jan |
| Indústria de Transformação | 81,2 | 78,8 | 80,7 | 81,3 | 80,8 | 81,0 | 81,3 | 80,0 | 81,7 | 81,8 | 82,3 | 82,6 | 82,0 | 78,6 | 79,6 | 78,7 | 80,5 | 80,4 | 79,7 | 79,0 | 78,9 | 78,2 | 78,2 | 79,2 | 78,2 | 75,3 | 74,4 |
| Alimentos | 78,3 | 79,5 | 79,4 | 78,2 | 75,7 | 77,3 | 77,3 | 76,6 | 77,4 | 77,8 | 79,8 | 80,1 | 80,4 | 79,7 | 80,2 | 78,0 | 78,9 | 79,9 | 78,7 | 79,7 | 79,2 | 78,4 | 80,1 | 81,1 | 80,6 | 78,8 | 72,5 |
| Bebidas | 69,0 | 67,9 | 70,6 | 69,3 | 68,8 | 64,5 | 65,8 | 62,6 | 64,0 | 65,5 | 69,7 | 73,6 | 75,5 | 77,7 | 69,1 | 69,5 | 67,3 | 61,5 | 64,6 | 63,6 | 62,7 | 66,5 | 68,6 | 74,5 | 73,6 | 73,5 | 70,5 |
| Têxteis | 81,4 | 79,3 | 81,3 | 81,8 | 82,0 | 80,2 | 81,0 | 80,6 | 81,3 | 81,3 | 82,1 | 82,6 | 82,5 | 80,1 | 79,8 | 80,3 | 81,9 | 81,4 | 81,2 | 78,9 | 78,7 | 77,5 | 77,7 | 78,4 | 78,7 | 76,5 | 77,2 |
| Vestuário | 86,1 | 83,3 | 85,2 | 86,1 | 84,8 | 85,8 | 86,5 | 83,9 | 87,5 | 87,5 | 87,0 | 88,0 | 87,1 | 84,0 | 84,6 | 83,3 | 85,5 | 85,5 | 86,1 | 82,6 | 82,7 | 83,5 | 82,6 | 83,7 | 82,9 | 76,1 | 76,6 |
| Couros e calçados | 83,3 | 81,7 | 77,5 | 84,0 | 87,3 | 87,5 | 83,1 | 80,5 | 83,9 | 85,8 | 86,7 | 85,9 | 85,8 | 71,1 | 79,8 | 81,9 | 86,2 | 83,7 | 79,3 | 78,2 | 83,1 | 84,4 | 84,2 | 83,1 | 81,9 | 74,1 | 77,4 |
| Madeira | 84,4 | 83,4 | 85,9 | 84,6 | 85,5 | 84,7 | 83,6 | 82,9 | 83,5 | 83,3 | 85,6 | 84,4 | 85,1 | 83,9 | 83,0 | 84,4 | 85,4 | 85,1 | 84,9 | 83,1 | 82,4 | 82,3 | 81,9 | 81,2 | 82,6 | 84,4 | 82,4 |
| Celulose e papel | 90,5 | 88,9 | 90,1 | 89,4 | 90,6 | 89,6 | 90,6 | 89,3 | 91,3 | 90,9 | 90,0 | 91,9 | 91,7 | 90,2 | 90,3 | 89,9 | 90,6 | 88,4 | 89,0 | 89,0 | 89,5 | 88,9 | 88,2 | 90,0 | 85,8 | 86,9 | 86,9 |
| Impressão e reprodução | 81,4 | 80,4 | 71,7 | 83,8 | 84,9 | 83,9 | 81,1 | 80,3 | 80,8 | 80,7 | 81,0 | 82,9 | 83,9 | 81,5 | 82,1 | 80,1 | 81,2 | 80,5 | 75,2 | 80,8 | 80,3 | 79,1 | 81,7 | 83,2 | 81,4 | 79,5 | 78,2 |
| Derivados de petróleo e biocomb. | 84,7 | 81,0 | 79,7 | 78,1 | 80,9 | 84,1 | 89,1 | 91,7 | 90,8 | 91,4 | 89,1 | 87,0 | 85,0 | 69,2 | 61,3 | 57,8 | 74,0 | 82,7 | 89,4 | 89,1 | 89,4 | 89,1 | 87,7 | 86,3 | 84,2 | 80,5 | 50,6 |
| Químicos | 82,0 | 79,8 | 82,1 | 80,4 | 80,7 | 80,4 | 81,2 | 81,8 | 84,2 | 83,8 | 83,1 | 82,0 | 82,0 | 77,6 | 77,2 | 78,3 | 80,1 | 80,6 | 80,5 | 80,8 | 81,8 | 82,6 | 80,7 | 81,5 | 78,4 | 75,6 | 78,1 |
| Farmacêuticos | 85,4 | 86,1 | 80,4 | 85,3 | 84,6 | 84,9 | 87,1 | 86,7 | 86,9 | 86,6 | 85,6 | 87,2 | 86,2 | 83,0 | 83,2 | 85,9 | 87,2 | 86,6 | 87,3 | 86,3 | 87,4 | 86,9 | 84,9 | 86,4 | 86,6 | 84,4 | 84,1 |
| Borracha e plástico | 81,4 | 75,4 | 81,7 | 81,0 | 83,1 | 81,2 | 82,1 | 80,0 | 82,3 | 83,0 | 82,5 | 83,2 | 82,7 | 73,7 | 79,5 | 78,3 | 79,6 | 78,9 | 76,3 | 73,6 | 72,5 | 71,4 | 73,4 | 73,7 | 75,8 | 71,5 | 72,6 |
| Minerais não metálicos | 81,3 | 79,8 | 81,9 | 81,7 | 81,0 | 80,9 | 82,6 | 81,6 | 80,1 | 81,7 | 82,1 | 82,5 | 81,2 | 78,1 | 79,5 | 78,7 | 80,2 | 80,1 | 79,0 | 80,5 | 80,4 | 80,6 | 79,5 | 81,3 | 80,4 | 77,2 | 75,7 |
| Metalurgia | 81,8 | 74,2 | 81,9 | 82,6 | 83,4 | 82,9 | 82,2 | 81,8 | 81,8 | 81,5 | 83,9 | 81,9 | 79,7 | 77,6 | 79,6 | 77,2 | 78,8 | 76,8 | 77,4 | 73,1 | 72,2 | 74,8 | 68,7 | 77,3 | 68,9 | 65,6 | 75,2 |
| Produtos de metal | 76,7 | 73,8 | 77,8 | 77,9 | 75,9 | 76,2 | 77,4 | 74,3 | 77,4 | 75,8 | 76,8 | 78,8 | 77,8 | 74,7 | 75,0 | 73,2 | 74,9 | 75,7 | 73,9 | 73,5 | 74,4 | 72,7 | 73,5 | 74,4 | 73,9 | 70,8 | 70,7 |
| Máquinas e materiais elétricos | 83,9 | 81,7 | 83,8 | 84,3 | 84,2 | 84,0 | 83,4 | 83,3 | 84,2 | 84,2 | 83,9 | 83,4 | 83,7 | 84,0 | 83,3 | 82,6 | 83,4 | 82,8 | 82,9 | 82,4 | 82,1 | 81,6 | 81,6 | 80,8 | 80,0 | 77,0 | 82,3 |
| Máquinas e equipamentos | 78,1 | 74,2 | 78,4 | 79,4 | 78,6 | 79,0 | 78,7 | 77,4 | 78,7 | 78,6 | 78,7 | 78,8 | 76,7 | 74,6 | 75,4 | 75,4 | 75,7 | 74,6 | 75,1 | 75,1 | 74,9 | 74,0 | 72,8 | 73,0 | 73,1 | 71,3 | 72,5 |
| Veículos automotores | 79,8 | 74,1 | 78,1 | 80,5 | 79,3 | 79,8 | 79,6 | 78,0 | 82,0 | 80,7 | 81,3 | 81,1 | 79,5 | 77,8 | 80,2 | 79,1 | 80,1 | 78,7 | 77,2 | 76,4 | 72,9 | 70,8 | 69,6 | 69,9 | 68,1 | 65,9 | 68,5 |
| Outros equipamentos de transporte | 88,9 | 88,1 | 89,0 | 89,4 | 89,2 | 89,3 | 89,1 | 87,4 | 88,4 | 89,1 | 89,5 | 89,7 | 89,5 | 87,4 | 88,3 | 89,1 | 89,3 | 88,7 | 88,7 | 88,8 | 89,2 | 89,4 | 87,4 | 88,0 | 87,0 | 82,7 | 88,2 |
| Móveis | 85,9 | 84,3 | 85,4 | 86,3 | 85,2 | 85,7 | 86,0 | 83,6 | 85,8 | 86,2 | 86,5 | 87,2 | 86,9 | 85,6 | 85,6 | 85,5 | 86,9 | 87,1 | 85,2 | 83,9 | 84,6 | 78,7 | 83,6 | 82,9 | 83,7 | 83,3 | 82,8 |
| Produtos diversos | 80,5 | 78,8 | 78,4 | 87,9 | 80,8 | 78,0 | 79,2 | 81,2 | 81,3 | 83,0 | 80,8 | 80,2 | 79,6 | 75,0 | 79,1 | 81,1 | 78,2 | 79,0 | 78,7 | 79,3 | 79,7 | 77,4 | 77,9 | 79,0 | 77,9 | 78,0 | 76,6 |

FONTE: CNI, MDIC

Obs. Últimos dados disponíveis

INDICADORES

BRASIL – COMÉRCIO EXTERIOR (EM US\$ MILHÕES)

| Discriminação | 2010 | Part. (%) em 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | Part. (%) Em 2015 | Jan-Fev 2016 | 2015 | Var. (%) 2016/15 |
|-------------------------------|---------------|-------------------|---------------|---------------|--------------|---------------|---------------|-------------------|--------------|---------------|------------------|
| <i>CORRENTE DE COMÉRCIO</i> | 383.684 | - | 482.286 | 465.761 | 481.781 | 454.255 | 362.583 | - | 45.221 | 57.602 | -21,5 |
| <i>EXPORTAÇÃO</i> | 201.915 | 100,0 | 256.040 | 242.578 | 242.034 | 225.101 | 191.134 | 100,0 | 24.593 | 25.796 | -4,7 |
| BÁSICOS | 90.005 | 44,6 | 122.457 | 113.454 | 113.023 | 109.556 | 87.188 | 45,6 | 9.997 | 10.841 | -7,8 |
| PROD. INDUSTRIALIZADOS | 107.770 | 53,4 | 128.317 | 123.749 | 123.471 | 109.276 | 99.254 | 51,9 | 14.017 | 14.204 | -1,3 |
| SEMIMANUFATURADOS | 28.207 | 14,0 | 36.026 | 33.042 | 30.526 | 29.065 | 26.463 | 13,8 | 4.137 | 4.370 | -5,3 |
| MANUFATURADOS | 79.563 | 39,4 | 92.291 | 90.707 | 92.945 | 80.211 | 72.791 | 38,1 | 9.880 | 9.834 | 0,5 |
| OPERAÇÕES ESPECIAIS | 4.140 | 2,1 | 5.265 | 5.375 | 5.540 | 6.268 | 4.692 | 2,5 | 579 | 751 | -22,9 |
| <i>IMPORTAÇÃO</i> | 181.768 | 100,0 | 226.247 | 223.183 | 239.748 | 229.154 | 171.449 | 100,0 | 20.628 | 31.806 | -35,1 |
| BENS DE CONSUMO | 27.099 | 14,9 | 34.861 | 33.381 | 34.676 | 33.116 | 26.808 | 15,6 | 3.435 | 4.545 | -24,4 |
| COMBUSTÍVEL E LUBRIFICANTES | 25.252 | 13,9 | 36.103 | 35.173 | 40.546 | 39.478 | 21.717 | 12,7 | 2.080 | 4.834 | -57,0 |
| BENS DE CAPITAL | 25.688 | 14,1 | 30.517 | 31.662 | 32.691 | 29.493 | 23.292 | 13,6 | 3.128 | 4.291 | -27,1 |
| BENS INTERMEDIÁRIOS | 103.641 | 57,0 | 124.682 | 122.907 | 131.729 | 126.904 | 99.445 | 58,0 | 11.975 | 18.131 | -34,0 |
| BENS NÃO ESPECIFICADOS ANTER. | 87 | 0,0 | 83 | 61 | 105 | 164 | 187 | 0,1 | 10 | 5 | 100,0 |
| SALDO | 20.147 | - | 29.793 | 19.395 | 2.286 | -4.054 | 19.685 | - | 3.965 | -6.010 | - |

FONTE: SECEX/MDIC

Obs.: Últimos dados disponíveis

INDICADORES

BRASIL-ESTOQUE DO EMPREGO POR SETORES DA INDÚSTRIA – (MERCADO FORMAL)

| Discriminação | Dez/2011 | Dez/2012 | Dez/2013 | Dez/2014 (A) | Dez/2015 (B) | Jan/2016 (C) | Var. absoluta do emprego (B-A) | Var. absoluta do emprego (C-B) | Var.(%) relativa do emprego (C-B)/B |
|--|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|--------------------------------|--------------------------------|-------------------------------------|
| Indústria | 11.312.297 | 11.486.146 | 11.735.201 | 11.528.707 | 10.346.347 | 10.324.684 | -1.182.360 | -21.663 | -0,2 |
| Extrativa | 231.389 | 259.297 | 261.383 | 257.606 | 240.768 | 238.636 | -16.838 | -2.132 | -0,9 |
| Serviço Industrial de Utilidade Pública | 445.268 | 456.931 | 479.529 | 485.828 | 472.914 | 472.111 | -12.914 | -803 | -0,2 |
| Construção | 2.909.131 | 3.015.373 | 3.094.153 | 3.019.427 | 2.499.314 | 2.496.654 | -520.113 | -2.660 | -0,1 |
| Indústria de Transformação | 7.726.509 | 7.754.545 | 7.900.136 | 7.765.846 | 7.133.351 | 7.117.283 | -632.495 | -16.068 | -0,2 |
| Fabricação de Produtos Alimentícios | 1.452.835 | 1.438.869 | 1.504.798 | 1.531.732 | 1.486.149 | 1.478.887 | -45.583 | -7.262 | -0,5 |
| Fabricação de Bebidas | 130.829 | 144.689 | 139.074 | 138.250 | 133.424 | 132.447 | -4.826 | -977 | -0,7 |
| Fabricação de Produtos do Fumo | 15.132 | 14.911 | 14.170 | 13.688 | 13.452 | 15.018 | -236 | 1.566 | 11,6 |
| Fabricação de Produtos Têxteis | 302.262 | 298.619 | 302.869 | 296.028 | 264.016 | 262.676 | -32.012 | -1.340 | -0,5 |
| Confecções de Artigos do Vestuário e Acessórios | 704.033 | 695.172 | 696.085 | 683.752 | 615.845 | 614.878 | -67.907 | -967 | -0,2 |
| Preparação de Couros e Fab. de Artef. de Couro, Artigos de Viagem | 408.761 | 401.849 | 395.461 | 372.499 | 344.283 | 348.426 | -28.216 | 4.143 | 1,2 |
| <i>Curtimento e outras preparações de couro</i> | <i>37.181</i> | <i>38.453</i> | <i>39.103</i> | <i>36.637</i> | <i>35.482</i> | <i>35.980</i> | <i>-1.155</i> | <i>498</i> | <i>1,4</i> |
| <i>Fabricação de artigos para viagem e de artefatos diversos de couros</i> | <i>29.362</i> | <i>29.341</i> | <i>28.463</i> | <i>26.574</i> | <i>29.945</i> | <i>29.965</i> | <i>3.371</i> | <i>20</i> | <i>0,1</i> |
| <i>Fabricação de calçados</i> | <i>319.363</i> | <i>310.724</i> | <i>306.430</i> | <i>287.636</i> | <i>264.140</i> | <i>267.058</i> | <i>-23.496</i> | <i>2.918</i> | <i>1,1</i> |
| <i>Fabricação de Partes para calçados de qualquer material</i> | <i>22.855</i> | <i>23.331</i> | <i>21.465</i> | <i>21.652</i> | <i>19.716</i> | <i>20.423</i> | <i>-1.936</i> | <i>707</i> | <i>3,6</i> |
| Fabricação de Produtos de Madeira | 202.043 | 196.792 | 192.868 | 189.195 | 177.340 | 177.351 | -11.855 | 11 | 0,0 |
| Fabricação de Celulose, Papel e Produtos de Papel | 175.122 | 177.230 | 181.634 | 184.767 | 176.465 | 176.541 | -8.302 | 76 | 0,0 |
| Impressão e Reprodução de Gravações | 125.213 | 126.152 | 123.924 | 121.979 | 111.606 | 111.339 | -10.373 | -267 | -0,2 |
| Fab. de Coque, de Prods. Deriv. do Petróleo e de Biocombustível | 164.354 | 160.979 | 162.777 | 158.758 | 143.752 | 140.310 | -15.006 | -3.442 | -2,4 |
| Fabricação de Produtos Químicos | 273.143 | 274.919 | 281.824 | 282.389 | 271.767 | 271.994 | -10.622 | 227 | 0,1 |
| Fab. de Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos | 93.386 | 96.618 | 99.388 | 103.101 | 103.208 | 103.752 | 107 | 544 | 0,5 |
| <i>Fabricação de produtos farmoquímicos</i> | <i>6.428</i> | <i>5.784</i> | <i>5.394</i> | <i>5.230</i> | <i>5.770</i> | <i>5.778</i> | <i>540</i> | <i>8</i> | <i>0,1</i> |
| <i>Fabricação de produtos farmacêuticos</i> | <i>86.958</i> | <i>90.834</i> | <i>93.994</i> | <i>97.871</i> | <i>97.438</i> | <i>97.974</i> | <i>-433</i> | <i>536</i> | <i>0,6</i> |
| Fabricação de Prods. de Borracha e de Material Plástico | 444.267 | 452.373 | 457.043 | 455.677 | 414.120 | 414.498 | -41.557 | 378 | 0,1 |
| <i>Fabricação de produtos de borracha</i> | <i>100.301</i> | <i>99.634</i> | <i>10.925</i> | <i>99.882</i> | <i>1.432</i> | <i>1.404</i> | <i>-98.450</i> | <i>-28</i> | <i>-2,0</i> |
| <i>Fabricação de produtos de material plástico</i> | <i>343.966</i> | <i>352.739</i> | <i>356.118</i> | <i>355.795</i> | <i>322.688</i> | <i>323.094</i> | <i>-33.107</i> | <i>406</i> | <i>0,1</i> |
| Fabricação de Produtos de Minerais não-Metálicos | 439.271 | 451.568 | 460.712 | 457.034 | 423.086 | 420.960 | -33.948 | -2.126 | -0,5 |
| Metalurgia | 259.737 | 251.651 | 250.700 | 236.904 | 217.662 | 215.735 | -19.242 | -1.927 | -0,9 |
| Fab. de Prods. de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos | 544.703 | 539.641 | 535.015 | 509.829 | 456.824 | 456.037 | -53.005 | -787 | -0,2 |

INDICADORES

| | | | | | | | | | |
|--|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|------------|-------------|
| Fab. de Equip. de Informática, Prods. Eletrônicos e Ópticos | 177.066 | 175.462 | 179.041 | 167.344 | 137.216 | 136.729 | -30.128 | -487 | -0,4 |
| Fab. de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos | 223.135 | 228.222 | 225.643 | 224.188 | 189.268 | 187.783 | -34.920 | -1.485 | -0,8 |
| Fabricação de Máquinas e Equipamentos | 402.882 | 410.587 | 428.140 | 408.118 | 359.372 | 359.043 | -48.746 | -329 | -0,1 |
| Fab. de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias | 526.099 | 514.483 | 532.364 | 489.279 | 423.095 | 421.735 | -66.184 | -1.360 | -0,3 |
| Fab.de Out. Equip. de Transportes, Exc. Veículos Automotores | 97.619 | 105.422 | 115.065 | 111.719 | 97.935 | 95.559 | -13.784 | -2.376 | -2,4 |
| Fabricação de Móveis | 269.035 | 279.558 | 284.319 | 283.001 | 252.624 | 252.709 | -30.377 | 85 | 0,0 |
| Fabricação de Produtos Diversos | 142.573 | 149.441 | 156.918 | 157.834 | 144.190 | 144.764 | -13.644 | 574 | 0,4 |
| <i>Fabricação de artigos de joalheria, bijuteria e semelhantes</i> | <i>20.104</i> | <i>21.742</i> | <i>21.597</i> | <i>20.830</i> | <i>18.970</i> | <i>19.015</i> | <i>-1.860</i> | <i>45</i> | <i>0,2</i> |
| <i>Fabricação de brinquedos e jogos recreativos</i> | <i>14.357</i> | <i>14.554</i> | <i>15.346</i> | <i>14.137</i> | <i>12.816</i> | <i>12.768</i> | <i>-1.321</i> | <i>-48</i> | <i>-0,4</i> |
| <i>Outros Produtos Diversos</i> | <i>108.112</i> | <i>113.145</i> | <i>119.975</i> | <i>122.867</i> | <i>112.404</i> | <i>112.981</i> | <i>-10.463</i> | <i>577</i> | <i>0,5</i> |
| Manutenção, Reparação e Instal. de Máquinas e Equipamentos | 153.009 | 169.338 | 180.304 | 188.781 | 176.652 | 178.112 | -12.129 | 1.460 | 0,8 |
| Reciclagem | 31.826 | 32.877 | 34.012 | 34.916 | 31.496 | 29.307 | -3.420 | -2.189 | -7,0 |

FONTE: MTE (RAIS/CAGED)- MDIC
Obs.: Últimos dados disponíveis

INDICADORES

BRASIL: PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA – TAXA DE CRESCIMENTO (%)
(IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR = 100)

| Discriminação | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | Jan/16 |
|---|-------|------|-------|-------|--------|
| Indústria geral | -2,3 | 2,1 | -3,1 | -8,3 | -13,8 |
| Indústria extrativa | -0,5 | -3,6 | 6,1 | 3,9 | -16,8 |
| Indústria de transformação | -2,4 | 2,8 | -4,2 | -9,9 | -13,3 |
| Produtos alimentícios | -1,2 | 0,6 | -1,2 | -2,3 | -5,8 |
| Bebidas | 1,3 | -2,1 | 1,3 | -5,4 | -11,2 |
| Produtos do fumo | -13,4 | -8,2 | -1,5 | -9,3 | 21,5 |
| Produtos têxteis | -4,7 | 0,2 | -6,6 | -14,6 | -20,2 |
| Confec. de artigos do vestuário e acessórios | -8,7 | -0,5 | -3,2 | -10,8 | -12,5 |
| Couros, artigos p/ viagem e calçados | -3,6 | 4,3 | -4,5 | -7,5 | -7,7 |
| Produtos de madeira | 8,8 | 2,0 | -2,6 | -4,6 | -7,2 |
| Celulose, papel e produtos de papel | 1,5 | -0,6 | -0,7 | -0,7 | 1,0 |
| Impressão e reprodução de gravações | -9,5 | -4,5 | -3,7 | -17,2 | -29,4 |
| Coque, produtos derivados de petróleo e biocombustível | 4,9 | 6,5 | 2,4 | -5,9 | 0,0 |
| Perfumaria, sabões, detergs. e prods. de limpeza e de higiene pessoal | 4,6 | 5,6 | 2,7 | -3,8 | -4,4 |
| Outros produtos químicos | 3,4 | 4,7 | -3,8 | -4,9 | -6,4 |
| Produtos farmoquímicos e farmacêuticos | 0,2 | -0,6 | 2,2 | -12,2 | -5,8 |
| Produtos de borracha e material plástico | -1,5 | 0,7 | -3,8 | -9,1 | -14,4 |
| Minerais não-metálicos | -0,7 | 2,2 | -2,6 | -7,8 | -14,9 |
| Metalurgia | -4,1 | 0,0 | -7,4 | -8,9 | -15,3 |
| Produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | -2,4 | -1,6 | -10,1 | -11,4 | -16,1 |
| Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos | -11,8 | 4,6 | -2,7 | -30,0 | -38,8 |
| Máquinas, aparelhos e materiais elétricos | -0,7 | 3,2 | -7,2 | -12,2 | -23,0 |
| Máquinas e equipamentos | -5,3 | 4,1 | -5,4 | -14,6 | -25,5 |
| Veículos automotores, reboques e carrocerias | -13,5 | 9,6 | -16,7 | -25,9 | -31,3 |
| Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores | 8,6 | 1,9 | -0,3 | -9,4 | -25,3 |
| Móveis | 5,7 | 1,7 | -7,3 | -14,6 | -19,5 |
| Produtos diversos | -7,4 | 7,9 | -5,0 | -4,5 | -22,5 |
| Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos | ... | -2,3 | 3,9 | -8,4 | -11,6 |

FONTE: IBGE – MDIC
Obs. Últimos dados disponíveis

INDICADORES

BRASIL – PRODUTIVIDADE DA INDÚSTRIA (QUANTUM/NHP) TAXA DE CRESCIMENTO (%) – (Iguar período do ano anterior = 100)

| Discriminação | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 |
|--|------|-------|------|-------|------|------|------|------|
| Indústria geral | 1,1 | -1,9 | 5,8 | 0,1 | -0,4 | 3,4 | 0,6 | -1,7 |
| Indústrias extrativas | -3,2 | -6,7 | 9,1 | -1,2 | -4,2 | -4,3 | 8,0 | 8,8 |
| Indústria de transformação | 1,2 | -1,7 | 5,7 | 0,1 | -0,4 | 4,2 | -0,4 | -3,4 |
| Fumo | 6,5 | 0,5 | -3,7 | 22,3 | -9,7 | -9,8 | 4,8 | 0,2 |
| Têxtil | 1,6 | -1,4 | -2,5 | -14,5 | 0,2 | 4,9 | -1,7 | -9,8 |
| Vestuário e acessórios | 12,0 | 1,5 | 9,6 | -0,2 | 1,3 | 2,4 | 0,4 | -5,0 |
| Calçados e artigos de couro | 2,6 | 0,4 | 1,7 | -4,9 | 3,1 | 12,2 | 4,9 | 1,1 |
| Madeira | -1,7 | 0,1 | 22,7 | 9,8 | 18,7 | 7,6 | -0,1 | 1,5 |
| Coque, refino de petróleo e biocombustível | -9,9 | -3,0 | 6,6 | 1,1 | 5,8 | 9,4 | 8,0 | 1,5 |
| Borracha e plástico | 1,8 | 0,5 | 7,8 | -1,1 | 0,3 | -2,1 | -2,6 | -2,2 |
| Minerais não-metálicos | 3,4 | -7,0 | 2,2 | 3,9 | 1,2 | 3,1 | -3,3 | -2,1 |
| Metalurgia básica | -5,4 | -9,7 | 4,9 | -2,4 | 0,6 | -0,1 | -2,1 | 0,6 |
| Produtos de metal, excl. máqs. e equipam. | -3,9 | -6,4 | 14,1 | 1,6 | 0,6 | 1,5 | -1,8 | -0,5 |
| Máquinas e equipamentos | -2,5 | -18,8 | 21,1 | -3,8 | -5,7 | 7,0 | 1,1 | -5,7 |

Fonte: IBGE-MDIC

OBS. Produtividade = Variação da produção física da indústria (quantum) / variação do número de horas pagas na produção

Indicadores

PREÇO MÉDIO MENSAL E NOMINAL NO ATACADO EM REAIS (R\$) DE PRODUTOS AGRÍCOLAS SELECIONADOS – DEZ/2000–MAR/2016

| PERÍODO | SÃO PAULO | PARANÁ | | | |
|----------|---------------|----------------------|----------------------|-------------------------|---------------|
| | Arroz (30 kg) | Feijão Preto (30 kg) | Soja (em farelo) (t) | Trigo (em grão) (60 kg) | Milho (60 kg) |
| Dez/2000 | 20,69 | 19,08 | 434,03 | 15,03 | 10,30 |
| Dez/2001 | 28,00 | 49,95 | 496,42 | 17,80 | 11,78 |
| Dez/2002 | 38,00 | 48,47 | 745,55 | 34,94 | 24,37 |
| Dez/2003 | 52,36 | 43,16 | 756,77 | 28,58 | 17,73 |
| Dez/2004 | 33,78 | 48,65 | 522,76 | 21,26 | 15,00 |
| Dez/2005 | 30,00 | 60,01 | 513,04 | 21,96 | 14,26 |
| Dez/2006 | 34,01 | 33,47 | 506,57 | 29,23 | 19,44 |
| Dez/2007 | 43,67 | 72,29 | 682,33 | 34,35 | 28,69 |
| Dez/2008 | 52,54 | 85,72 | 736,91 | 28,50 | 17,93 |
| Dez/2009 | 48,34 | 44,14 | 740,11 | 27,50 | 17,66 |
| Dez/2010 | 54,40 | 56,57 | 734,82 | 27,40 | 22,69 |
| Dez/2011 | 44,28 | 52,75 | 584,62 | 26,43 | 23,20 |
| Dez/2012 | 65,00 | 80,81 | 1.239,97 | 41,50 | 31,00 |
| Dez/2013 | 59,51 | 92,71 | 1.298,74 | 47,27 | 22,54 |
| Jan/2014 | 60,36 | 89,62 | 1.230,87 | 45,64 | 23,50 |
| Fev/2014 | 59,91 | 87,40 | 1.202,97 | 46,29 | 24,39 |
| Mar/2014 | 54,80 | 94,41 | 1.209,69 | 46,76 | 27,02 |
| Abr/2014 | 62,02 | 95,37 | 1.186,52 | 49,57 | 27,27 |
| Mai/2014 | 61,07 | 88,74 | 1.165,31 | 49,94 | 25,85 |
| Jun/2014 | 61,67 | 81,73 | 1.170,80 | 48,41 | 23,90 |
| Jul/2014 | 61,78 | 80,26 | 1.062,62 | 44,43 | 22,20 |
| Ago/2014 | 61,23 | 79,91 | 1.083,22 | 36,71 | 21,44 |
| Set/2014 | 58,00 | 80,77 | 1.047,49 | 34,56 | 20,90 |
| Out/2014 | 58,46 | 78,43 | 1.050,81 | 32,19 | 21,07 |
| Nov/2014 | 60,00 | 77,84 | 1.164,19 | 33,54 | 23,99 |
| Dez/2014 | 60,00 | 78,69 | 1.174,61 | 34,32 | 24,95 |
| Jan/2015 | 60,07 | 87,87 | 1.132,40 | 34,37 | 24,43 |
| Fev/2015 | 60,10 | 89,11 | 1.089,72 | 34,51 | 24,39 |
| Mar/2015 | 60,35 | 84,95 | 1.152,64 | 35,94 | 25,01 |
| Abr/2015 | 62,05 | 80,90 | 1.108,53 | 40,36 | 24,69 |
| Mai/2015 | 67,60 | 77,91 | 1.046,36 | 41,54 | 23,00 |
| Jun/2015 | 74,88 | 73,80 | 1.047,04 | 40,00 | 23,32 |
| Jul/2015 | 74,70 | 74,08 | 1.143,47 | 38,97 | 24,54 |
| Ago/2015 | 74,05 | 75,75 | 1.186,26 | 38,90 | 24,96 |
| Set/2015 | 74,85 | 77,42 | 1.323,52 | 39,33 | 27,30 |
| Out/2015 | 77,40 | 80,63 | 1.393,83 | 42,20 | 28,93 |
| Nov/2015 | 58,98 | 81,41 | 1.370,71 | 43,48 | 28,71 |
| Dez/2015 | 62,10 | 87,64 | 1.314,07 | 43,30 | 29,39 |
| Jan/2016 | 66,85 | 106,78 | 1.397,50 | 44,10 | 36,59 |
| Fev/2016 | 68,55 | 100,91 | 1.404,32 | 45,16 | 38,67 |
| Mar/2016 | 69,90 | 96,83 | 1.140,93 | 45,29 | 41,08 |

FONTE: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); CONAB; SEAB-PR
 NOTA: Cotação para o arroz longo fino agulhinha

Indicadores

INDICADORES DO MERCADO FINANCEIRO NACIONAL E INTERNACIONAL

| DATA | BRASIL | | | | EUA | |
|------------|---|---|--|---|--|--|
| | Fundo de Investimento Financeiro – FIF (PL mensal, R\$ milhões) 7837 ⁽¹⁾ | Valor das empresas listadas no Ibovespa (R\$ bilhões) 7848 ⁽³⁾ | Índice Ibovespa fechamento mensal (pontos) 7845 ⁽²⁾ | Emissão Primária de Debêntures 7841 (R\$ milhões) | Dow Jones – NYSE fechamento (pontos) 7846 ⁽³⁾ | Nasdaq fechamento (pontos) 7847 ⁽⁴⁾ |
| 2005 (DEZ) | 653.714 | 841 | 33.455 | 41.538 | 10.718 | 2.205 |
| 2006 (DEZ) | 794.875 | 1.181 | 44.473 | 69.463 | 12.463 | 2.415 |
| 2007 (DEZ) | 912.869 | 1.765 | 63.886 | 46.535 | 13.265 | 2.652 |
| 2008 (DEZ) | 917.297 | 1.088 | 37.550 | 37.458 | 8.776 | 1.577 |
| 2009 (DEZ) | 1.086.267 | 1.740 | 68.588 | 2.720 | 10.428 | 2.269 |
| 2010 (DEZ) | 1.286.654 | 2.071 | 69.304 | 2.025 | 11.578 | 2.653 |
| 2011 (DEZ) | 1.501.728 | 1.834 | 56.754 | 220 | 12.218 | 2.605 |
| 2012 (DEZ) | 1.786.186 | 1.962 | 60.952 | 850 | 13.104 | 3.020 |
| Jan/2013 | 1.836.788 | 1.983 | 59.761 | 0 | 13.861 | 3.142 |
| Fev/2013 | 1.852.863 | 1.918 | 57.424 | 2.141 | 14.054 | 3.160 |
| Mar/2013 | 1.864.287 | 1.932 | 56.352 | 2.160 | 14.579 | 3.268 |
| Abr/2013 | 1.877.294 | 1.925 | 55.910 | 2.551 | 14.804 | 3.329 |
| Mai/2013 | 1.895.304 | 1.907 | 53.506 | 0 | 15.116 | 3.456 |
| Jun/2013 | 1.880.342 | 1.740 | 47.457 | 0 | 14.910 | 3.403 |
| Jul/2013 | 1.904.243 | 1.779 | 48.234 | 1.465 | 15.500 | 3.626 |
| Ago/2013 | 1.914.304 | 1.792 | 50.011 | 0 | 14.810 | 3.590 |
| Set/2013 | 1.919.844 | 1.898 | 52.338 | 0 | 15.130 | 3.771 |
| Out/2013 | 1.923.553 | 1.995 | 54.256 | 2.328 | 15.546 | 3.920 |
| Nov/2013 | 1.921.603 | 1.947 | 52.482 | 0 | 16.086 | 4.060 |
| Dez/2013 | 1.939.384 | 1.890 | 51.507 | 300 | 16.577 | 4.177 |
| Jan/2014 | 1.934.332 | 1.803 | 47.638 | 0 | 15.699 | 4.104 |
| Fev/2014 | 1.952.954 | 1.789 | 47.094 | 1.000 | 16.322 | 4.308 |
| Mar/2014 | 1.979.747 | 1.901 | 50.514 | 250 | 16.458 | 4.199 |
| Abr/2014 | 1.983.269 | 1.940 | 51.626 | 1.098 | 16.581 | 4.115 |
| Mai/2014 | 2.017.747 | 1.902 | 51.239 | 0 | 16.717 | 4.243 |
| Jun/2014 | 2.045.954 | 1.961 | 53.168 | 0 | 16.827 | 4.408 |
| Jul/2014 | 2.067.374 | 2.037 | 55.829 | 481 | 16.563 | 4.370 |
| Ago/2014 | 2.107.037 | 2.224 | 61.288 | 0 | 17.098 | 4.580 |
| Set/2014 | 2.130.781 | 1.979 | 54.115 | 0 | 17.043 | 4.493 |
| Out/2014 | 2.149.367 | 1.980 | 54.628 | 845 | 17.391 | 4.631 |
| Nov/2014 | 2.166.487 | 1.992 | 54.724 | 0 | 17.828 | 4.792 |
| Dez/2014 | 2.156.887 | 1.824 | 50.007 | 0 | 17.823 | 4.736 |
| Jan/2015 | 2.192.912 | 1.745 | 46.907 | 10.000 | 17.165 | 4.635 |
| Fev/2015 | 2.226.999 | 1.897 | 51.583 | 551 | 18.133 | 4.964 |
| Mar/2015 | 2.260.558 | 1.885 | 51.150 | 321 | 17.776 | 4.901 |
| Abr/2015 | 2.282.144 | 2.066 | 56.229 | 4.600 | 17.841 | 4.941 |
| Mai/2015 | 2.235.805 | 1.949 | 52.760 | 0 | 18.011 | 5.070 |
| Jun/2015 | 2.355.165 | 1.973 | 53.080 | 0 | 17.620 | 4.987 |
| Jul/2015 | 2.388.160 | 1.903 | 50.864 | 740 | 17.690 | 5.128 |
| Ago/2015 | 2.425.397 | 1.754 | 46.625 | 0 | 16.528 | 4.777 |
| Set/2015 | 2.343.942 | 1.700 | 45.059 | 1.350 | 16.285 | 4.620 |
| Out/2015 | 2.448.624 | 1.679 | 45.868 | 1.892 | 17.664 | 5.054 |
| Nov/2015 | 2.465.544 | 1.659 | 45.120 | 0 | 17.720 | 5.109 |
| Dez/2015 | 2.472.963 | 1.591 | 43.349 | 1.185 | 17.425 | 5.007 |
| Jan/2016 | 2.522.931 | 1.506 | 40.405 | 0 | 16.466 | 4.614 |
| Fev/2016 | 2.553.705 | - | 42.793 | 0 | 16.517 | 4.558 |
| Mar/2016 | 2.600.246 | 1.795 | 50.055 | 0 | 17.685 | 4.870 |

FONTE: (1) Banco Central do Brasil, (2) Bovespa (Índice de Fechamento do último dia útil do mês), (3) Dow Jones, (4) Nasdaq

NOTA: Para os anos de 2005 a 2008, os valores referem-se ao mês de dezembro, exceto para emissão de debênture que é o total do ano.

Sinal convencional utilizado: Dado não disponível.

Indicadores

BALANÇA COMERCIAL DO PARANÁ - 1996-2016 (Em US\$ 1.000 FOB - ACUMULADO - e variação % anual)

| ANO | EXPORTAÇÃO (X) | | IMPORTAÇÃO (M) | | SALDO (X-M) VALOR |
|---------------|----------------|--------|----------------|--------|----------------------|
| | Valor | Var. % | Valor | Var. % | |
| 1996 | 4.245.905 | 47 | 2.434.733 | 2 | 1.811.172 |
| 1997 | 4.853.587 | 14 | 3.306.968 | 36 | 1.546.619 |
| 1998 | 4.227.995 | (13) | 4.057.589 | 23 | 170.406 |
| 1999 | 3.932.659 | (7) | 3.699.490 | (9) | 233.169 |
| 2000 | 4.394.162 | 12 | 4.686.229 | 27 | -292.067 |
| 2001 | 5.320.211 | 21 | 4.928.952 | 5 | 391.259 |
| 2002 | 5.703.081 | 7 | 3.333.392 | (32) | 2.369.689 |
| 2003 | 7.157.853 | 26 | 3.486.051 | 5 | 3.671.802 |
| 2004 | 9.405.026 | 31 | 4.026.146 | 15 | 5.378.879 |
| 2005 | 10.033.533 | 7 | 4.527.237 | 12 | 5.506.296 |
| 2006 | 10.016.338 | (0) | 5.977.971 | 32 | 4.038.367 |
| 2007 | 12.352.857 | 23 | 9.017.988 | 51 | 3.334.870 |
| 2008 | 15.247.252 | 23 | 14.570.222 | 62 | 677.030 |
| 2009 | 11.222.827 | (26) | 9.620.837 | (34) | 1.601.990 |
| 2010 | 14.176.010 | 26 | 13.956.180 | 45 | 219.831 |
| 2011 | 17.394.228 | 22,70 | 18.766.895 | 34,46 | -1.372.667 |
| 2012 | 17.709.585 | 1,81 | 19.387.410 | 3,30 | -1.677.825 |
| 2013 | 18.239.202 | 2,99 | 19.343.839 | -0,23 | -1.104.637 |
| 2014 | 16.332.120 | -10,46 | 17.293.735 | -10,61 | -961.614 |
| 2015 | 14.909.081 | -8,71 | 12.448.504 | -28,03 | 2.460.577 |
| JAN-MAR /2016 | 3.364.481 | 12,01 | 2.435.674 | -24,27 | 928.806 |

FONTE: MDIC/SECEX

BALANÇA COMERCIAL DO BRASIL - 1996-2016 (Em US\$ 1.000 FOB - ACUMULADO - e variação % anual)

| ANO | EXPORTAÇÃO (X) | | IMPORTAÇÃO (M) | | SALDO (X-M) | |
|--------------|----------------|---------|----------------|---------|-------------|----------|
| | Valor | Var. % | Valor | Var. % | Valor | Var. % |
| 1996 | 47.746.728 | ... | 53.345.767 | ... | -5.599.039 | ... |
| 1997 | 52.982.726 | 10,97 | 59.747.227 | 12,00 | -6.764.501 | 20,82 |
| 1998 | 51.139.862 | (3,48) | 57.763.476 | (3,32) | -6.623.614 | (2,08) |
| 1999 | 48.012.790 | (6,11) | 49.301.558 | (14,65) | -1.288.768 | (80,54) |
| 2000 | 55.118.920 | 14,80 | 55.850.663 | 13,28 | -731.743 | (43,22) |
| 2001 | 58.286.593 | 5,75 | 55.601.758 | (0,45) | 2.684.835 | (466,91) |
| 2002 | 60.438.653 | 3,69 | 47.242.654 | (15,03) | 13.195.999 | 391,50 |
| 2003 | 73.203.222 | 21,12 | 48.325.567 | 2,29 | 24.877.655 | 88,52 |
| 2004 | 96.677.497 | 32,07 | 62.835.616 | 30,03 | 33.841.882 | 36,03 |
| 2005 | 118.529.184 | 22,60 | 73.600.376 | 17,13 | 44.928.809 | 32,76 |
| 2006 | 137.807.470 | 16,26 | 91.350.841 | 24,12 | 46.456.629 | 3,40 |
| 2007 | 160.649.073 | 16,58 | 120.617.446 | 32,04 | 40.031.627 | (13,83) |
| 2008 | 197.942.443 | 23,21 | 172.984.768 | 43,42 | 24.957.675 | (37,66) |
| 2009 | 152.994.743 | (22,71) | 127.715.293 | (26,17) | 25.279.450 | 1,29 |
| 2010 | 201.915.285 | 31,98 | 181.722.623 | 42,28 | 20.192.662 | (20,12) |
| 2011 | 256.039.575 | 26,81 | 226.245.113 | 24,47 | 29.794.462 | ... |
| 2012 | 242.579.776 | -5,26 | 223.154.429 | -1,37 | 19.425.346 | ... |
| 2013 | 242.033.575 | -0,22 | 239.631.216 | 7,37 | 2.402.358 | ... |
| 2014 | 225.100.885 | -7,00 | 229.060.058 | -4,46 | -3.959.173 | ... |
| 2015 | 191.134.325 | -15,09 | 171.449.050 | -25,18 | 19.685.274 | ... |
| JAN-MAR/2016 | 40.573.159 | -5,15 | 32.185.573 | -33,40 | 8.387.585 | ... |

FONTE: MDIC/SECEX

Sinal convencional utilizado:

Dado não disponível

Indicadores

OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS BRASILEIROS (COMPLEXO SOJA E TRIGO) - SAFRAS 2009/2016 (Mil toneladas)

| CULTURA | SAFRA | ESTOQUE INICIAL | PRODUÇÃO | IMPORTAÇÃO | SUPRIMENTO | CONSUMO | EXPORTAÇÃO | ESTOQUE FINAL |
|------------------|---------|-----------------|----------|------------|------------|----------|------------|---------------|
| Algodão em Pluma | 2009/10 | 394,2 | 1.194,1 | 39,2 | 1.627,5 | 1.039,0 | 512,5 | 76,0 |
| | 2010/11 | 76,0 | 1.959,8 | 144,2 | 2.180,0 | 900,0 | 758,3 | 521,7 |
| | 2011/12 | 521,7 | 1.893,3 | 3,5 | 2.418,5 | 895,2 | 1.052,8 | 470,5 |
| | 2012/13 | 470,5 | 1.310,3 | 17,4 | 1.798,2 | 920,2 | 572,9 | 305,1 |
| | 2013/14 | 305,1 | 1.734,0 | 31,5 | 2.070,6 | 850,0 | 748,6 | 472,0 |
| | 2014/15 | 438,5 | 1.562,8 | 2,1 | 2.003,4 | 820,0 | 834,3 | 349,1 |
| | 2015/16 | 349,1 | 1.480,7 | 5,0 | 1.834,8 | 800,0 | 740,0 | 294,8 |
| Arroz em Casca | 2009/10 | 2.531,5 | 11.660,9 | 1.044,8 | 15.237,2 | 12.152,5 | 627,4 | 2.457,3 |
| | 2010/11 | 2.457,3 | 13.613,1 | 825,4 | 16.895,8 | 12.236,7 | 2.089,6 | 2.569,5 |
| | 2011/12 | 2.569,5 | 11.599,5 | 1.068,0 | 15.237,0 | 11.656,5 | 1.455,2 | 2.125,3 |
| | 2012/13 | 2.125,3 | 11.819,7 | 965,5 | 14.910,5 | 12.617,7 | 1.210,7 | 1.082,1 |
| | 2013/14 | 1.082,1 | 12.121,6 | 1.000,0 | 14.203,7 | 12.000,0 | 1.200,0 | 1.003,7 |
| | 2014/15 | 868,3 | 12.448,6 | 550,0 | 13.866,9 | 11.900,0 | 1.300,0 | 666,9 |
| | 2015/16 | 658,1 | 11.167,6 | 1.200,0 | 13.025,7 | 11.700,0 | 1.100,0 | 225,7 |
| Feijão | 2009/10 | 317,7 | 3.322,5 | 181,2 | 3.821,4 | 3.450,0 | 4,5 | 366,9 |
| | 2010/11 | 366,9 | 3.732,8 | 207,1 | 4.306,8 | 3.600,0 | 20,4 | 686,4 |
| | 2011/12 | 686,4 | 2.918,4 | 312,3 | 3.917,1 | 3.500,0 | 43,3 | 373,8 |
| | 2012/13 | 373,8 | 2.806,3 | 304,4 | 3.484,5 | 3.320,0 | 35,3 | 129,2 |
| | 2013/14 | 129,2 | 3.453,7 | 135,9 | 3.718,8 | 3.350,0 | 65,0 | 303,8 |
| | 2014/15 | 303,8 | 3.115,3 | 110,0 | 3.529,1 | 3.350,0 | 90,0 | 89,1 |
| | 2015/16 | 103,2 | 3.309,3 | 150 | 3.562,5 | 3.350,0 | 120,0 | 92,5 |
| Milho | 2009/10 | 7.112,8 | 56.018,1 | 391,9 | 63.522,8 | 46.967,6 | 10.966,1 | 5.589,1 |
| | 2010/11 | 5.589,1 | 57.406,9 | 764,4 | 63.760,4 | 48.485,5 | 9.311,9 | 5.963,0 |
| | 2011/12 | 5.963,0 | 72.979,5 | 774,0 | 79.716,5 | 51.888,6 | 22.313,7 | 5.514,2 |
| | 2012/13 | 5.514,2 | 81.505,7 | 911,4 | 87.931,3 | 53.498,3 | 26.174,1 | 8.258,9 |
| | 2013/14 | 8.258,9 | 80.052,0 | 800,0 | 89.110,9 | 53.905,6 | 20.913,8 | 14.291,5 |
| | 2014/15 | 11.835,5 | 84.672,4 | 350,0 | 96.857,9 | 55.959,5 | 30.877,7 | 10.020,7 |
| | 2015/16 | 10.506,7 | 84.659,9 | 1.000,0 | 96.166,6 | 58.391,0 | 30.400,0 | 7.375,6 |
| Soja em Grãos | 2009/10 | 674,4 | 68.688,2 | 117,8 | 69.480,4 | 37.800,0 | 29.073,2 | 2.607,2 |
| | 2010/11 | 2.607,2 | 75.324,3 | 41,0 | 77.972,5 | 41.970,0 | 32.986,0 | 3.016,5 |
| | 2011/12 | 3.016,5 | 66.383,0 | 266,5 | 69.666,0 | 36.754,0 | 31.468,0 | 444,0 |
| | 2012/13 | 444,0 | 81.499,4 | 282,8 | 82.226,2 | 38.524,0 | 42.791,9 | 740,1 |
| | 2013/14 | 910,3 | 86.120,8 | 630,0 | 87.661,1 | 39.935,8 | 45.691,0 | 1.414,8 |
| | 2014/15 | 1.414,8 | 96.228,0 | 324,1 | 97.966,9 | 42.850,0 | 54.324,0 | 792,9 |
| | 2015/16 | 792,9 | 98.981,6 | 300,0 | 100.074,5 | 43.600,0 | 55.350,0 | 1.124,5 |
| Farelo de Soja | 2009/10 | 1.903,2 | 26.719,0 | 39,5 | 28.661,7 | 12.944,0 | 13.668,6 | 2.049,1 |
| | 2010/11 | 1.967,9 | 29.298,5 | 24,8 | 31.291,2 | 13.758,0 | 14.289,0 | 3.177,8 |
| | 2011/12 | 3.177,8 | 26.026,0 | 5,0 | 29.208,8 | 14.051,0 | 14.289,0 | 868,7 |
| | 2012/13 | 868,7 | 27.258,0 | 3,9 | 28.130,6 | 14.350,0 | 13.333,5 | 447,1 |
| | 2013/14 | 447,1 | 28.336,0 | 1,0 | 28.784,4 | 14.799,3 | 13.716,0 | 268,8 |
| | 2014/15 | 268,8 | 30.492,2 | 1,0 | 30.762,0 | 15.100,0 | 14.826,7 | 835,3 |
| | 2015/16 | 835,3 | 30.800,0 | 1,0 | 31.636,3 | 15.500,0 | 15.500,0 | 636,3 |
| Óleo de Soja | 2009/10 | 302,2 | 6.766,5 | 16,2 | 7.084,9 | 4.980,0 | 1.563,8 | 541,1 |
| | 2010/11 | 676,6 | 7.419,8 | 0,1 | 8.096,5 | 5.367,0 | 1.741,0 | 988,5 |
| | 2011/12 | 988,5 | 6.591,0 | 1,0 | 7.580,5 | 5.172,4 | 1.757,1 | 651,0 |
| | 2012/13 | 651,0 | 6.903,0 | 5,0 | 7.559,0 | 5.556,3 | 1.362,5 | 640,2 |
| | 2013/14 | 640,2 | 7.176,0 | 0,1 | 7.816,3 | 5.930,8 | 1.305,0 | 580,5 |
| | 2014/15 | 580,5 | 7.722,0 | 25,2 | 8.327,7 | 6.359,2 | 1.669,9 | 298,6 |
| | 2015/16 | 298,6 | 7.800,0 | 12,0 | 8.110,6 | 6.380,0 | 1.400,0 | 330,6 |
| Trigo | 2010 | 2.879,9 | 5.881,6 | 5.922,2 | 14.559,9 | 9.842,4 | 2.515,9 | 2.201,6 |
| | 2011 | 2.201,6 | 5.788,6 | 5.771,9 | 14.002,0 | 10.144,9 | 1.901,0 | 1.956,1 |
| | 2012 | 1.956,1 | 4.379,5 | 6.011,8 | 13.345,8 | 10.134,3 | 1.683,9 | 1.527,6 |
| | 2013 | 1.527,6 | 5.527,8 | 7.010,2 | 13.697,8 | 11.381,5 | 47,4 | 2.268,9 |
| | 2014 | 2.268,9 | 5.971,1 | 5.328,8 | 13.568,8 | 10.713,7 | 1.680,5 | 1.174,6 |
| | 2015 | 1.174,6 | 5.534,9 | 5.480,0 | 12.189,5 | 9.867,3 | 1.569,0 | 753,2 |

FONTE: CONAB – Levantamento 7 - ABR/2016 (disponível em: www.conab.gov.br)

NOTA: Estoque de passagem – Algodão, feijão e soja: 31 de dezembro – Arroz 28 de fevereiro – Milho 31 de janeiro e Trigo 31 de julho

Indicadores

PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTO MÉDIO DA SOJA - BRASIL E MAIORES ESTADOS PRODUTORES - 1989-2016

(ESTIMATIVAS MAR/2016)

(Mil toneladas e mil hectares)

| ANO | BRASIL | | | MAIORES ESTADOS PRODUTORES | | | | | | | | | |
|-----------|----------|--------------|--------------------------|----------------------------|--------------|----------|--------------|----------|--------------|--------------------|--------------|--------------|--------------|
| | Produção | Área Colhida | Rendimento Médio (kg/ha) | Mato Grosso | | Paraná | | Goiás | | Mato Grosso do Sul | | Minas Gerais | |
| | | | | Produção | Área Colhida | Produção | Área Colhida | Produção | Área Colhida | Produção | Área colhida | Produção | Área colhida |
| 1989/1990 | 20.101 | 11.551 | 1.740,16 | 2.901 | 1.503 | 4.572 | 2.286 | 1.411 | 941 | 1.934 | 1.209 | 875 | 583 |
| 1990/1991 | 15.395 | 9.743 | 1.580,00 | 2.607 | 1.100 | 3.617 | 1.966 | 1.659 | 790 | 2.300 | 1.013 | 963 | 472 |
| 1991/1992 | 19.419 | 9.582 | 2.027,00 | 3.485 | 1.452 | 3.415 | 1.798 | 1.804 | 820 | 1.929 | 970 | 1.003 | 456 |
| 1992/1993 | 23.042 | 10.717 | 2.150,00 | 4.198 | 1.713 | 4.720 | 2.000 | 1.968 | 984 | 2.229 | 1.067 | 1.159 | 552 |
| 1993/1994 | 25.059 | 11.502 | 2.179,00 | 4.970 | 1.996 | 5.328 | 2.110 | 2.387 | 1.090 | 2.440 | 1.109 | 1.234 | 600 |
| 1994/1995 | 25.934 | 11.679 | 2.221,00 | 5.440 | 2.295 | 5.535 | 2.121 | 2.133 | 1.123 | 2.426 | 1.098 | 1.188 | 600 |
| 1995/1996 | 23.190 | 10.663 | 2.175,00 | 4.687 | 1.905 | 6.241 | 2.312 | 2.046 | 909 | 2.046 | 845 | 1.040 | 528 |
| 1996/1997 | 26.160 | 11.381 | 2.299,00 | 5.721 | 2.096 | 6.566 | 2.496 | 2.478 | 991 | 2.156 | 862 | 1.176 | 523 |
| 1997/1998 | 31.370 | 13.158 | 2.384,00 | 7.150 | 2.600 | 7.191 | 2.820 | 3.372 | 1.338 | 2.282 | 1.087 | 1.383 | 601 |
| 1998/1999 | 30.765 | 12.995 | 2.367,00 | 7.134 | 2.548 | 7.723 | 2.769 | 3.418 | 1.325 | 2.740 | 1.054 | 1.336 | 577 |
| 1999/2000 | 32.890 | 13.623 | 2.414,00 | 8.801 | 2.905 | 7.130 | 2.833 | 4.073 | 1.455 | 2.501 | 1.107 | 1.397 | 594 |
| 2000/2001 | 38.432 | 13.970 | 2.751,00 | 9.641 | 3.120 | 8.623 | 2.818 | 4.158 | 1.540 | 3.130 | 1.065 | 1.496 | 642 |
| 2001/2002 | 42.230 | 16.386 | 2.577,00 | 11.733 | 3.853 | 9.502 | 3.291 | 5.420 | 1.902 | 3.279 | 1.192 | 1.949 | 719 |
| 2002/2003 | 52.018 | 18.475 | 2.816,00 | 12.949 | 4.420 | 10.971 | 3.638 | 6.360 | 2.171 | 4.104 | 1.415 | 2.333 | 874 |
| 2003/2004 | 49.793 | 21.376 | 2.329,00 | 15.009 | 5.241 | 10.037 | 3.936 | 6.147 | 2.572 | 3.325 | 1.797 | 2.659 | 1.066 |
| 2004/2005 | 52.305 | 23.301 | 2.245,00 | 17.937 | 6.105 | 9.707 | 4.148 | 6.985 | 2.662 | 3.863 | 2.031 | 3.022 | 1.119 |
| 2005/2006 | 55.027 | 22.749 | 2.419,00 | 16.700 | 6.197 | 9.646 | 3.983 | 6.534 | 2.542 | 4.445 | 1.950 | 2.483 | 1.061 |
| 2006/2007 | 58.392 | 20.687 | 2.822,66 | 15.359 | 5.125 | 11.916 | 3.979 | 6.114 | 2.191 | 4.881 | 1.737 | 2.568 | 930 |
| 2007/2008 | 60.018 | 21.313 | 2.816,00 | 17.848 | 5.675 | 11.896 | 3.977 | 6.544 | 2.180 | 4.569 | 1.731 | 2.537 | 870 |
| 2008/2009 | 57.166 | 21.743 | 2.629,00 | 17.963 | 5.828 | 9.510 | 4.069 | 6.836 | 2.307 | 4.180 | 1.716 | 2.751 | 929 |
| 2009/2010 | 68.688 | 23.468 | 2.927,00 | 18.767 | 6.225 | 14.079 | 4.485 | 7.343 | 2.550 | 5.308 | 1.712 | 2.872 | 1.019 |
| 2013/2014 | 86.121 | 30.173 | 2.854,00 | 26.442 | 8.616 | 14.781 | 5.010 | 8.995 | 3.102 | 6.148 | 2.120 | 3.327 | 1.238 |
| 2014/2015 | 96.228 | 32.093 | 2.998,00 | 28.018 | 8.934 | 17.210 | 5.225 | 8.625 | 3.325 | 7.178 | 2.301 | 3.507 | 1.319 |
| 2015/2016 | 98981,6 | 33130 | 2988,00 | 28018 | 9.140 | 17160 | 5.442 | 10250 | 3285 | 7509 | 2.430 | 4702 | 1469 |

FONTE: CONAB

INDICADORES

TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB REAL PARA PAÍSES SELECIONADOS – 2003-2014

| PAÍSES | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|----------------|-------|-------|-------|------|------|------|-------|-------|------|------|------|-------|
| Mundo | 3,5 | 5,0 | 3,9 | 5,0 | 4,9 | 2,2 | -0,4 | 5,0 | 3,7 | 2,9 | 3,0 | 2,6 |
| África do Sul | 3,0 | 4,5 | 5,3 | 5,6 | 5,6 | 3,6 | -1,7 | 2,8 | 3,3 | 3,1 | 2,0 | ... |
| Alemanha | -0,7 | 0,7 | 0,9 | 3,9 | 3,4 | 0,8 | -5,6 | 3,9 | 3,7 | 0,6 | 0,2 | 1,58 |
| Argentina | 8,8 | 9,0 | 9,2 | 8,4 | 8,0 | 3,1 | 0,1 | 9,1 | 8,6 | 0,9 | 2,9 | ... |
| Bolívia | 2,7 | 4,2 | 4,4 | 4,8 | 4,6 | 6,1 | 3,4 | 4,1 | 5,2 | 5,2 | 6,8 | 5,46 |
| Brasil | 1,1 | 5,7 | 3,2 | 4,0 | 6,1 | 5,2 | -0,3 | 7,5 | 2,7 | ... | ... | ... |
| Canadá | 1,9 | 3,1 | 3,2 | 2,6 | 2,0 | 1,2 | -2,7 | 3,4 | 3,0 | 1,9 | 2,0 | 2,44 |
| Chile | 3,8 | 7,0 | 6,2 | 5,7 | 5,2 | 3,3 | -1,0 | 5,8 | 5,8 | 5,4 | 4,1 | 1,89 |
| China | 10,0 | 10,1 | 11,3 | 12,7 | 14,2 | 9,6 | 9,2 | 10,3 | 9,3 | 7,8 | ... | ... |
| Colômbia | 3,9 | 5,3 | 4,7 | 6,7 | 6,9 | 3,5 | 1,5 | 4,3 | ... | ... | ... | ... |
| Coreia do Sul | 2,9 | 4,9 | 3,9 | 5,2 | 5,5 | 2,8 | 0,7 | 6,5 | 3,7 | 2,3 | 3,0 | 3,31 |
| Equador | 2,7 | 8,2 | 5,3 | 4,4 | 2,2 | 6,4 | 1,0 | 3,3 | 8,0 | 3,6 | 5,7 | 3,80 |
| Estados Unidos | 2,8 | 3,8 | 3,3 | 2,7 | 1,8 | -0,3 | -2,8 | 2,5 | 1,6 | 2,3 | 2,2 | 2,39 |
| França | 0,8 | 2,6 | 1,6 | 2,6 | 2,3 | 0,1 | -2,9 | 1,9 | 2,1 | 0,4 | 0,4 | 0,39 |
| Índia | 8,0 | 7,0 | 9,5 | 9,6 | 9,3 | 6,7 | 8,6 | 9,3 | 6,3 | 4,5 | 6,6 | 7,2 |
| Indonésia | 4,8 | 5,0 | 5,7 | 5,5 | 6,3 | 6,0 | 4,6 | 6,2 | 6,5 | 6,2 | 5,8 | 5,02 |
| Itália | 0,2 | 1,4 | 1,2 | 2,1 | 1,3 | -1,1 | -5,5 | 1,7 | 0,7 | -2,3 | -1,9 | -0,65 |
| Japão | 1,7 | 2,4 | 1,3 | 1,7 | 2,2 | -1,1 | -5,5 | 4,7 | -0,4 | 1,7 | 1,6 | -0,15 |
| México | 1,4 | 4,2 | 3,1 | 5,0 | 3,2 | 1,4 | -4,7 | 5,2 | 3,9 | 4,0 | 1,4 | 2,15 |
| Paraguai | 4,3 | 4,1 | 2,1 | 4,8 | 5,4 | 6,4 | -4,0 | 13,1 | 4,3 | -1,2 | 14,3 | 4,23 |
| Peru | 4,0 | 5,6 | 6,3 | 7,5 | 8,5 | 9,1 | 1,0 | 8,5 | 6,5 | 6,0 | 5,8 | 2,34 |
| Reino Unido | 4,3 | 2,5 | 2,8 | 3,0 | 2,6 | -0,3 | -4,3 | 1,9 | 1,6 | 0,7 | 1,7 | 2,82 |
| Rússia | 7,4 | 7,2 | 6,4 | 8,2 | 8,5 | 5,3 | -7,8 | 4,5 | 4,3 | 3,4 | 7,4 | 0,63 |
| Tailândia | 7,0 | 6,2 | 4,5 | 5,6 | 4,9 | 2,5 | -2,3 | 7,8 | 0,1 | 6,5 | 2,9 | 0,73 |
| Uruguai | 0,8 | 5,0 | 7,5 | 4,1 | 6,5 | 7,2 | 2,4 | 8,4 | 7,3 | 3,7 | 4,4 | ... |
| Venezuela | -7,76 | 18,29 | 10,32 | 9,87 | 8,75 | 5,28 | -3,20 | -1,49 | 4,18 | ... | ... | ... |

FONTE: Fundo Monetário Internacional, *International Financial Statistics*

Sinal convencional utilizado: Dado não disponível

INDICADORES

TAXA DE INFLAÇÃO ANUAL MÉDIA PARA PAÍSES SELECIONADOS – 2003-2014

| PAÍSES | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|---------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Mundo | 3,91 | 4,86 | 4,90 | 4,37 | 4,83 | 4,73 | 1,47 | 4,69 | 4,97 | 2,87 | 3,65 | 3,22 |
| África do Sul | 5,86 | 1,39 | 3,40 | 4,64 | 7,10 | 11,54 | 7,13 | 4,26 | 5,00 | 5,65 | 5,45 | 6,38 |
| Alemanha | 1,44 | 1,05 | 0,60 | 0,31 | 1,62 | 0,81 | 1,70 | 0,96 | 0,97 | 1,78 | 2,56 | 0,91 |
| Argentina | 10,50 | 9,22 | 8,82 | 13,53 | 14,95 | 23,94 | 10,28 | 15,40 | 17,62 | 16,39 | ... | |
| Bolívia | 6,33 | 7,97 | 5,94 | 13,66 | 7,37 | 10,38 | -2,42 | 8,78 | 14,57 | 6,91 | 6,01 | 5,78 |
| Brasil | 13,72 | 8,04 | 7,21 | 6,15 | 5,87 | 8,33 | 7,19 | 8,23 | 6,97 | ... | ... | 6,33 |
| Canadá | 3,18 | 2,99 | 2,83 | 2,47 | 4,31 | 3,42 | -2,01 | 2,68 | 2,94 | 3,76 | 1,37 | 1,91 |
| Chile | 4,97 | 7,47 | 7,15 | 12,65 | 4,84 | 0,47 | 3,84 | 8,83 | 3,33 | 1,30 | 1,73 | 4,40 |
| China | 1,16 | 3,88 | 1,82 | 1,46 | 4,75 | 5,86 | -0,70 | 3,31 | 5,41 | 2,65 | 2,63 | 1,99 |
| Colômbia | 6,47 | 5,13 | 15,86 | 5,78 | 5,04 | 7,56 | 3,41 | 3,86 | 6,73 | 3,17 | 1,52 | 2,88 |
| Coreia do Sul | 3,40 | 2,98 | 1,03 | -0,14 | 2,40 | 2,96 | 3,54 | 3,16 | 1,58 | 1,04 | 0,70 | 1,27 |
| Equador | 10,59 | 4,26 | 7,73 | 8,00 | 6,65 | 13,85 | -1,36 | 6,75 | 6,71 | 4,40 | 4,95 | 3,57 |
| EUA | 1,99 | 2,75 | 3,22 | 3,07 | 2,66 | 1,96 | 0,76 | 1,22 | 2,06 | 1,80 | 1,49 | 1,62 |
| França | 2,09 | 1,44 | 2,11 | 2,24 | 2,51 | 2,25 | 0,51 | 0,73 | 1,23 | 1,20 | 1,02 | 0,51 |
| Índia | 3,81 | 3,77 | 4,25 | 6,15 | 6,37 | 8,35 | 10,88 | 11,99 | 8,86 | 9,31 | 10,91 | 6,35 |
| Indonésia | 5,49 | 8,55 | 14,33 | 14,09 | 11,26 | 18,15 | 8,27 | 8,26 | 8,12 | 4,53 | 4,16 | 6,39 |
| Itália | 2,89 | 2,59 | 1,74 | 1,87 | 2,60 | 2,44 | 2,07 | 0,40 | 1,20 | 1,50 | 1,53 | 0,24 |
| Japão | -1,71 | -1,35 | -1,27 | -1,11 | -0,91 | -1,24 | -0,51 | -2,19 | -1,89 | -1,20 | -0,62 | 2,75 |
| México | 21,14 | 8,36 | 5,21 | 6,34 | 4,97 | 6,06 | 3,40 | 4,46 | 5,37 | 3,23 | 1,63 | 4,02 |
| Paraguai | 12,21 | 8,99 | 10,08 | 6,08 | 9,77 | 9,34 | 2,04 | 6,10 | 9,83 | 5,55 | -3,80 | 5,03 |
| Peru | 2,30 | 1,99 | 2,10 | 8,29 | 2,39 | 1,94 | 1,56 | 6,01 | 5,17 | 2,08 | 1,73 | 3,23 |
| Reino Unido | 2,17 | 2,91 | 2,81 | 2,69 | 2,87 | 2,89 | 1,99 | 3,17 | 2,13 | 1,66 | 1,79 | 1,46 |
| Rússia | | | | | | | | | | | 1,29 | 7,83 |
| Tailândia | 1,63 | 3,31 | 4,56 | 4,69 | 3,55 | 3,84 | 1,92 | 3,66 | 4,25 | 1,33 | 1,67 | 1,90 |
| Uruguai | 16,54 | 10,10 | 0,68 | 6,53 | 9,42 | 8,02 | 5,58 | 4,66 | 8,98 | 7,37 | 7,62 | 8,88 |
| Venezuela | 34,93 | 33,95 | 29,60 | 17,90 | 15,45 | 30,13 | 7,83 | 45,94 | 28,15 | 14,06 | ... | 62,17 |

FONTE: Fundo Monetário Internacional, *International Financial Statistics*

Sinal convencional utilizado: Dado não disponível

Panorama Econômico – Abril/2016

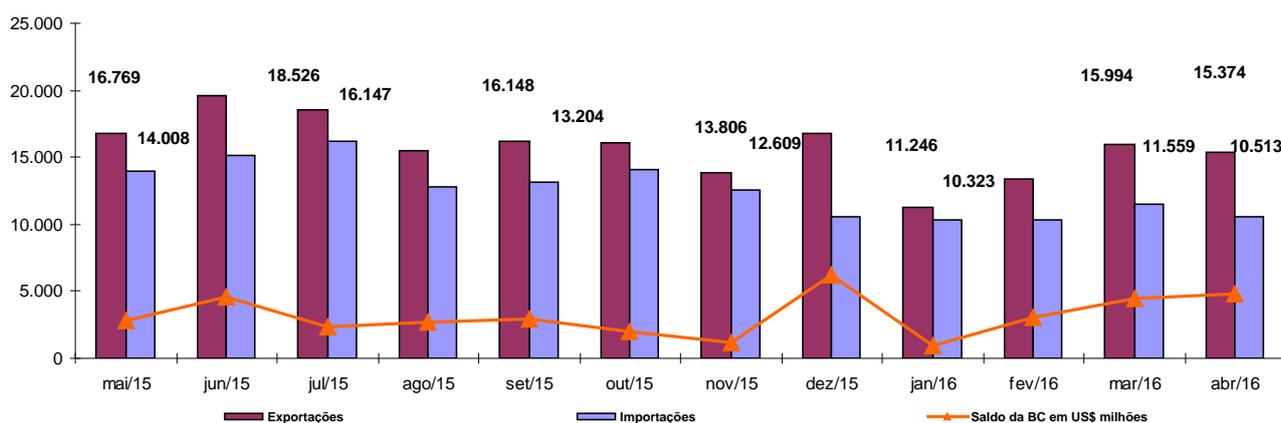
Carlos Ilton Cleto

Comércio Internacional

Balança Comercial Mensal (Abril/2016) – MDIC

Fato

Em abril de 2016, a Balança Comercial fechou com superávit de US\$ 4,86 bilhões, resultado de exportações de US\$ 15,37 bilhões e importações de US\$ 10,51 bilhões. A corrente do comércio atingiu US\$ 25,89 bilhões, no mês e US\$ 98,65 bilhões, no ano. O superávit comercial acumulado no ano é de US\$ 13,25 bilhões.



FONTE: MDIC

Causa

Utilizando o critério da média diária, com relação ao mês anterior, as exportações apresentaram avanço de 5,7%, e as importações não variaram. Pelo mesmo critério, na comparação com abril de 2015, houve crescimento de 1,4% nas exportações e queda de 28,3% nas importações.

No acumulado no ano, às exportações diminuíram 3,4% sobre igual período de 2015 e as importações, recuaram 32,2%. A corrente do comércio encolheu 18,4%.

Em abril de 2015, na comparação com igual mês do ano anterior, as exportações de produtos semimanufaturados aumentaram 6,9% e a de produtos básicos, 2,5%. Por outro lado, houve queda de 1,3% nas exportações de produtos manufaturados. Em termos de países, os cinco principais compradores foram: China, Estados Unidos, Argentina, Países Baixos, e Alemanha. Pelo lado das importações, houve queda de 38,1% em combustíveis e lubrificantes, 36,8% em bens de capital, 27,5% em bens de consumo e 24,4% em bens intermediários. Os cinco principais fornecedores para o Brasil foram: Estados Unidos, China, Argentina, Alemanha e Chile.

Na comparação dos valores acumulados no ano, frente à igual período do ano anterior, houve retração de 5,4%, nas exportações de produtos semimanufaturados, 3,1% nos produtos básicos e 1,8%, nos manufaturados. Pelo lado das importações ocorreu retração de 49,5% nas compras de combustíveis e lubrificantes, 30,2% em bens intermediários, 24,9% nos bens de capital e 27,1%, nos bens de consumo.

Consequências

O comércio exterior brasileiro vem refletindo o impacto da taxa de cambio e da desaceleração interna. O saldo comercial vem apresentando recuperação, porém mais em decorrência da queda mais acentuada das importações do que pelo crescimento das exportações.

Atividade

Produção Industrial Mensal (Fevereiro/2016) – IBGE

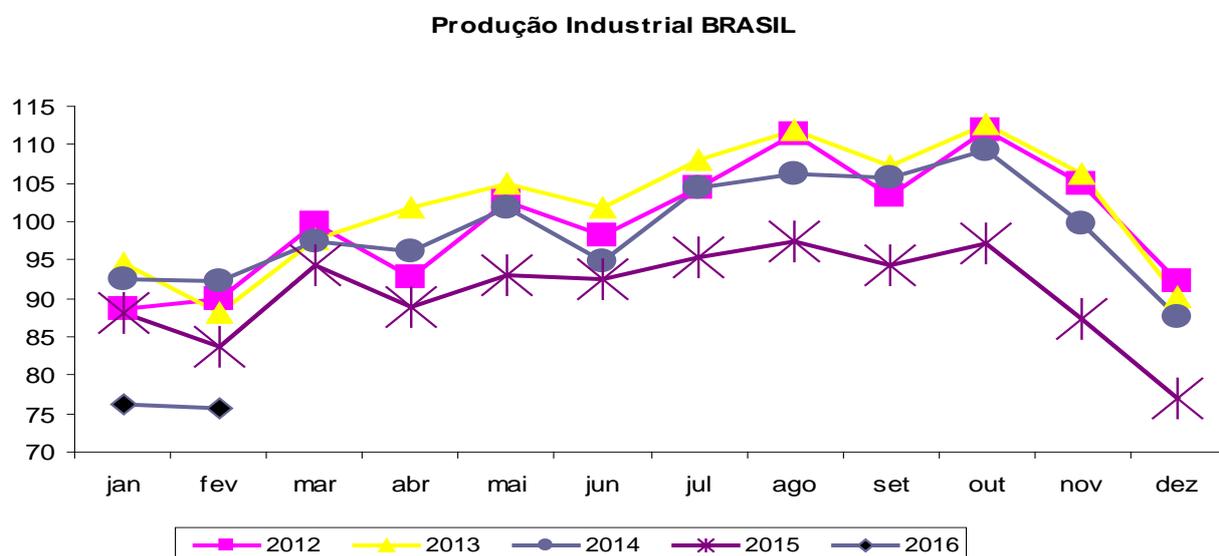
Fato

Em fevereiro, a produção industrial diminuiu 2,5% com relação ao mês anterior. Frente a fevereiro de 2015, houve queda de 9,8% e no acumulado dos últimos doze meses a retração foi de 9,0%.

Causa

Na comparação com o mês anterior, os bens de consumo duráveis registraram o recuo mais intenso, 5,3%, principalmente devido a menor produção automóveis e eletrodomésticos. Os bens intermediários tiveram queda de 2,0% e os bens de consumo semi e não-duráveis recuo de 0,6%. Por outro lado, os bens de capital apresentaram resultado positivo 0,3%.

Com relação a fevereiro de 2015, a produção industrial apresentou a maior queda em bens de consumo duráveis, 29,3%, seguido dos bens de capital, 25,8%. No primeiro destacou-se a menor produção de automóveis, eletrodomésticos da linha marrom e da linha branca. No setor de bens de capital, o destaque negativo foi em bens de capital para equipamentos de transporte. Os segmentos de bens intermediários e de bens de consumo semi e não-duráveis também apontaram taxas negativas neste mês, 8,5% e 2,0%, respectivamente.



FONTE: IBGE - Índice de base fixa mensal sem ajuste sazonal (Base: média de 2002 = 100)

Consequência

A produção industrial segue apresentando taxas negativas fevereiro. Para o ano decorrente da retração econômica, não é esperada recuperação.

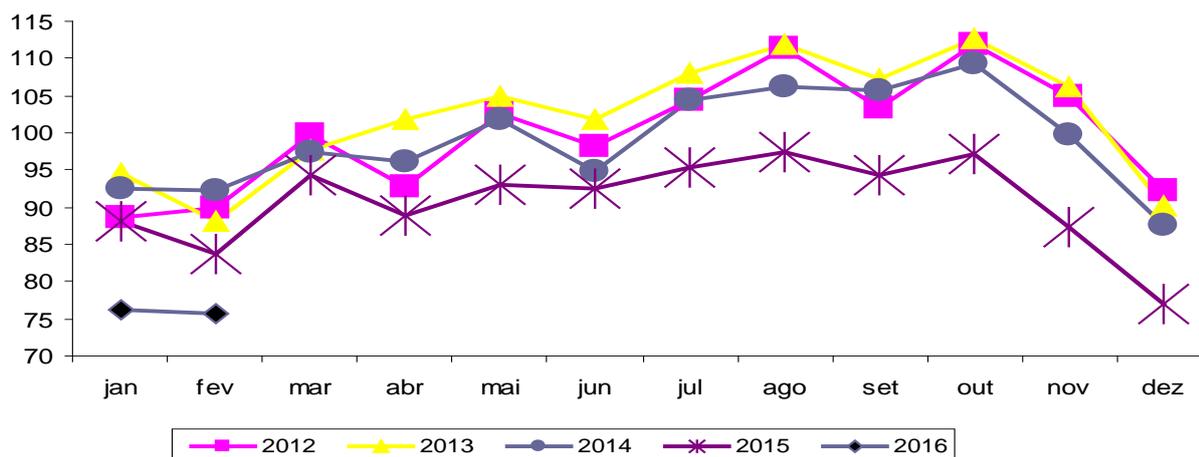
Atividade

Pesquisa Industrial - Regional – Brasil (Fevereiro/2016) - IBGE

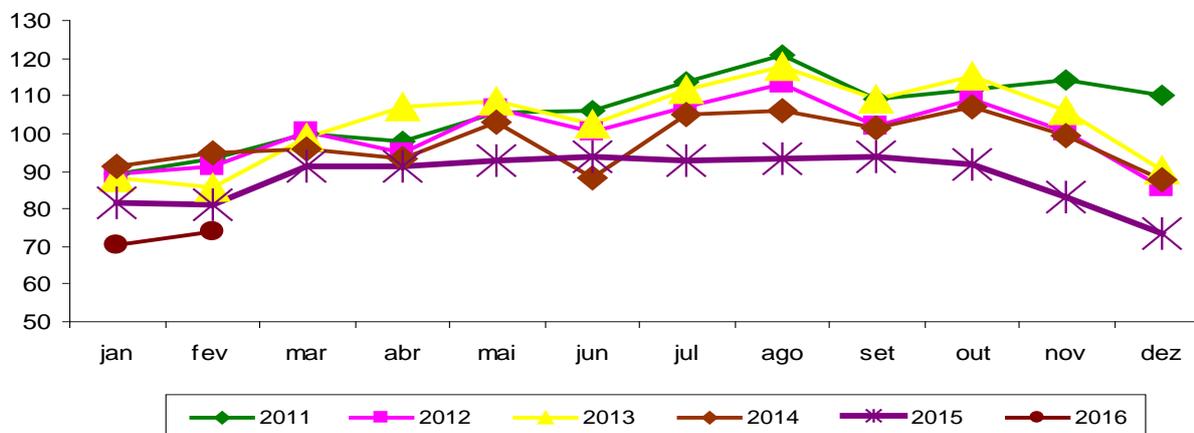
Fato

Entre janeiro e fevereiro, a produção industrial caiu em onze dos quatorze locais pesquisados e na comparação com fevereiro de 2015, doze das quinze regiões pesquisadas registraram variação negativa. No acumulado dos últimos doze meses, treze locais apresentaram recuo. No Paraná a produção industrial apresentou recuo de 1,6%, frente ao mês anterior. Na comparação com fevereiro de 2015, ocorreu queda de 9,0% e no acumulado em doze meses, 9,3%.

Produção Industrial BRASIL



Produção Industrial PARANÁ



FONTE: IBGE - Índice de base fixa mensal sem ajuste sazonal (Base: média de 2002 = 100)

Causa

Na comparação com o mês anterior os locais que registraram maior queda foram: Bahia, Amazonas, Região Nordeste, Santa Catarina e Ceará. Por outro lado os avanços ocorreram no Pará, Espírito Santo e Goiás. Na comparação com fevereiro de 2015, os maiores recuos foram em Pernambuco, Amazonas, Espírito Santo, São Paulo, Minas Gerais e Ceará. Os avanços foram registrados no Mato Grosso, Pará e Bahia.

No Estado do Paraná, na comparação com o mesmo mês no ano anterior, das treze atividades pesquisadas, onze registraram retração. Os maiores impactos negativos vieram de máquinas e equipamentos, veículos automotores, reboques e carrocerias, máquinas aparelhos e materiais elétricos, coque, produtos derivados do petróleo e bicombustíveis, produtos de metal, bebidas, e produtos de minerais não metálicos. Por outro lado, os únicos impactos positivos vieram de produtos alimentícios e celulose, papel e produtos de papel.

Consequência

De forma semelhante ao resultado nacional, a indústria paranaense segue apresentando recuo, principalmente nas comparações com iguais períodos do ano anterior, não devendo ser esperada recuperação mais intensa ao longo do ano.

Atividade

PNAD Contínua – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Primeiro Trimestre de 2016) – IBGE

Fato

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio apontou, para o primeiro trimestre de 2016, taxa de desocupação de 10,9%, com crescimento de 3,0 p.p. frente ao mesmo trimestre do ano anterior e expansão de 1,9 p.p. na comparação com o quarto trimestre do ano anterior.

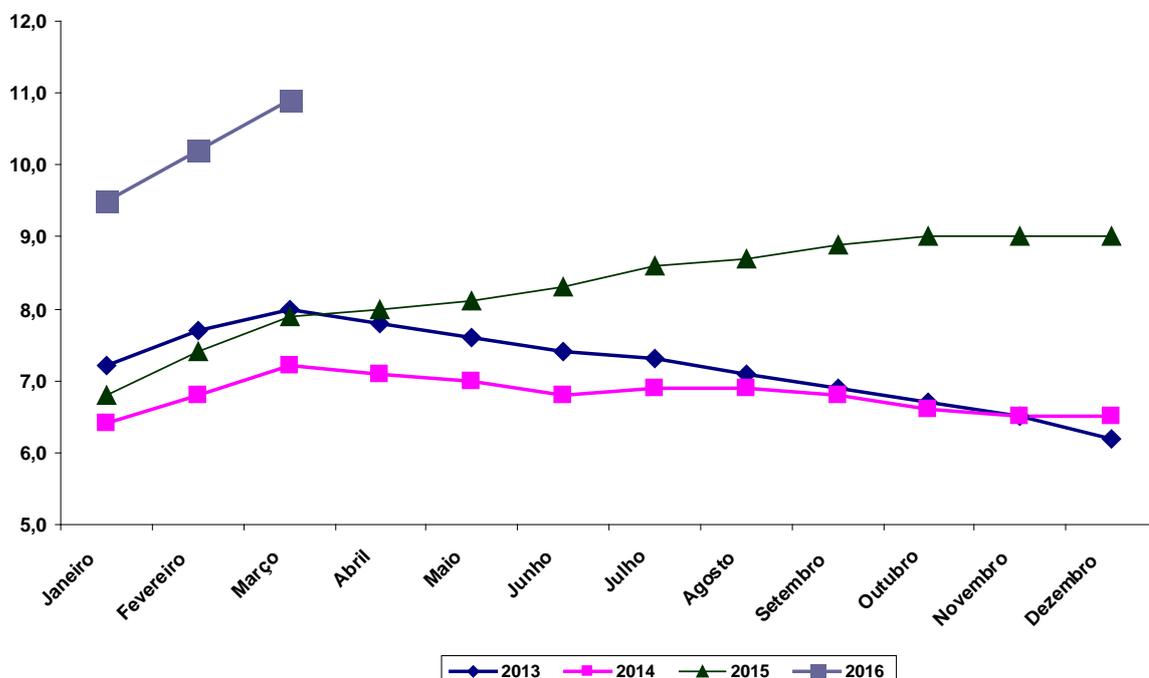
O rendimento médio real habitualmente recebido foi de R\$ 1.966, permanecendo estável frente ao trimestre imediatamente anterior e caindo 3,2% na comparação com o primeiro trimestre de 2015.

A população ocupada apresentou redução de 1,7% na comparação com o último trimestre de 2015 e queda de 1,5% frente ao mesmo trimestre do ano anterior.

Causa

Na comparação com o trimestre de outubro a dezembro de 2015, com relação ao contingente de ocupados, ocorreu retração de 5,2% na indústria geral, 4,8% na construção, 1,9% na administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais, 1,6% no comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas. Nos demais grupamentos houve estabilidade.

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, houve aumento em transporte, armazenagem e correio, 4,3%, serviços domésticos, 4,3%, alojamento e alimentação, 4,0% e administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais. Por outro lado ocorreu recuo na indústria geral 11,5% e informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas, 6,3%. Para os outros grupamentos não foi registrada variação significativa.



Consequência

O desemprego segue em patamar elevado, inexistindo expectativas positivas para os próximos meses. Ficando a sinalização de melhora condicionada ao início de recuperação da atividade econômica.

Atividade

Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (Março/2016) – IBGE Previsão da Safra de Grãos

Fato

Em março, a estimativa da safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas chegou a uma produção de 210 milhões de toneladas, 0,2% superior à safra de 2015 e 0,6 %, abaixo da previsão de fevereiro. A área a ser colhida, 58,4 milhões de hectares, está 1,1% acima da registrada no ano passado e 0,6% inferior à estimativa do mês anterior.

Causa

Com relação à produção de 2015, as três principais culturas, arroz, milho e soja que juntos representam 91,6% do total da produção nacional, registraram avanço na produção de 3,2% de soja e reduções de 7,8% e 2,2% para arroz e milho, respectivamente.

O levantamento sistemático da produção agrícola registrou variação positiva para treze dos vinte e seis produtos analisados: amendoim em casca 1ª e 2ª safra, aveia em grão, batata-inglesa 1ª e 2ª safras, em café em grão – arábica, café em grão – canephora, cevada em grão, feijão em grão 1ª e 2ª safras, mamona em baga, soja em grão e trigo em grão. Em sentido contrário, deverão apresentar redução na quantidade produzida: algodão herbáceo em caroço, arroz em casca, batata-inglesa 3ª safra, cacau em amêndoa, cana-de-açúcar, cebola, feijão em grão 3ª safra, laranja, mandioca, milho em grão 1ª e 2ª safras, sorgo em grão e triticale em grão.

Regionalmente, a produção de cereais, leguminosas e oleaginosas está assim distribuída: Centro-Oeste, 90,0 milhões de toneladas, Sul, 75,2 milhões, Sudeste, 20,8 milhões, Nordeste, 17,0 milhões e Norte, 7,0 milhões. O Estado do Mato Grosso do Sul, mantém a posição de liderança na produção nacional de grãos, com participação de 24,2%, seguido pelo Estado do Paraná, com 18,2%.

Consequência

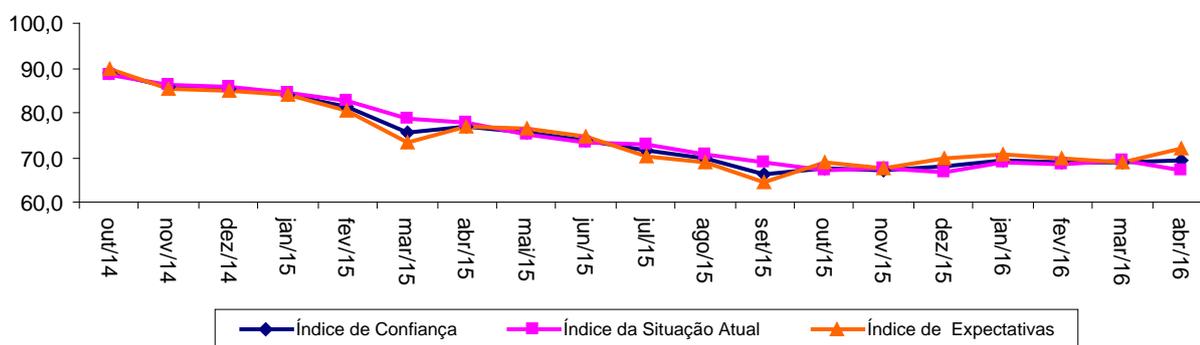
De acordo com prognóstico das áreas plantadas, realizado pelo IBGE em março, a safra de grãos em 2016 será superior a do ano anterior e este prognóstico deverá apresentar resultados superiores ao longo do ano, estando condicionado, ao regime de chuvas em áreas importantes para a produção nacional, que pode perturbar este cenário.

Atividade

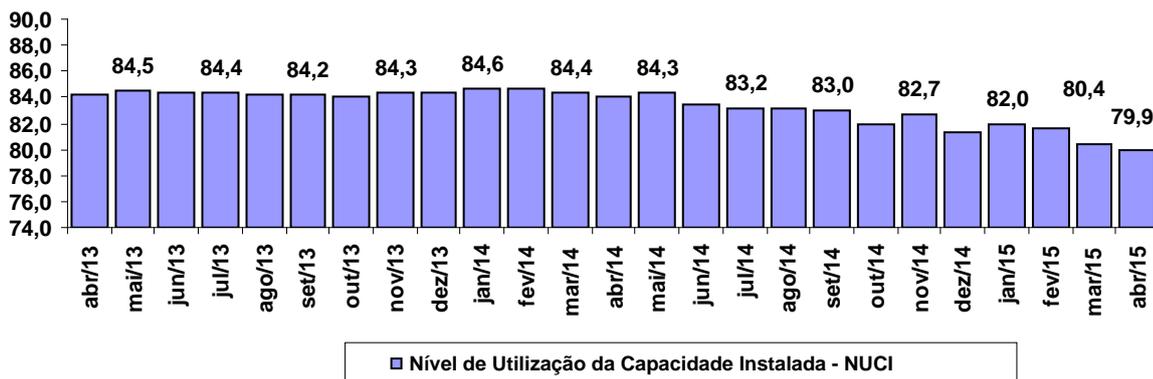
ICI – Índice de Confiança da Indústria - Sondagem da Indústria (Abril/2016) – FGV

Fato

Na passagem de março para abril, o Índice de Confiança da Indústria de Transformação - ICI registrou avanço de 2,4 pontos, passando de 75,1 para 77,5 pontos, com aumento de 1,2 pontos no Índice da Situação Atual – ISA e crescimento de 3,6 pontos no Índice das Expectativas – IE. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada – NUCI aumentou 0,6 p.p., atingindo 74,3%.



FONTE: FGV



FONTE: FGV

Causa

No ISA os principais quesitos que contribuíram para o avanço foram situação atual dos negócios e redução do nível de estoques. A proporção de empresas com estoques excessivos diminuiu de 17,0% para 15,1%, enquanto a parcela de empresas com estoques insuficientes diminuiu em menor proporção 6,2% para 5,5%. A maior contribuição para a alta do IE foi do indicador que mede as perspectivas para a produção física nos três meses seguintes, que avançou 6,1 pontos, para 78,6 pontos.

Consequências

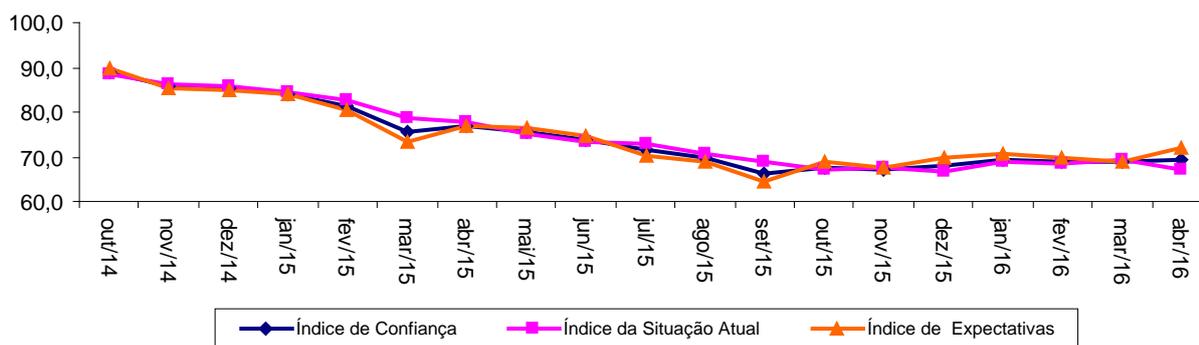
O resultado do mês traz aspectos favoráveis para as perspectivas do setor, embora ainda seja cedo para afirmar que esta ocorrendo uma mudança na tendência pessimista que tem caracterizado o setor.

Atividade

ICS – Índice de Confiança de Serviços - Sondagem de Serviços (Abril/2016) – FGV

Fato

Em abril, o Índice de Confiança de Serviços - ICS aumentou 0,4 pontos na comparação com o mês anterior, passando 68,9 para 69,3 pontos. O Índice da Situação Atual – ISA diminuiu 2,1 pontos passando de 69,5 para 67,2 pontos. O Índice de Expectativas - IE teve elevação de 3,1 pontos atingindo 72,0 pontos.



FONTE: FGV

Causa

No ISA, destacaram-se as avaliações menos otimistas sobre o volume de demanda atual e sobre a situação atual dos negócios, que recuaram 2,4 e 2,1 pontos, respectivamente. Nas expectativas, houve aumento de 3,4 pontos no índice que mede a demanda prevista e de 2,7 pontos no que mede a situação dos negócios para os próximos meses.

Consequência

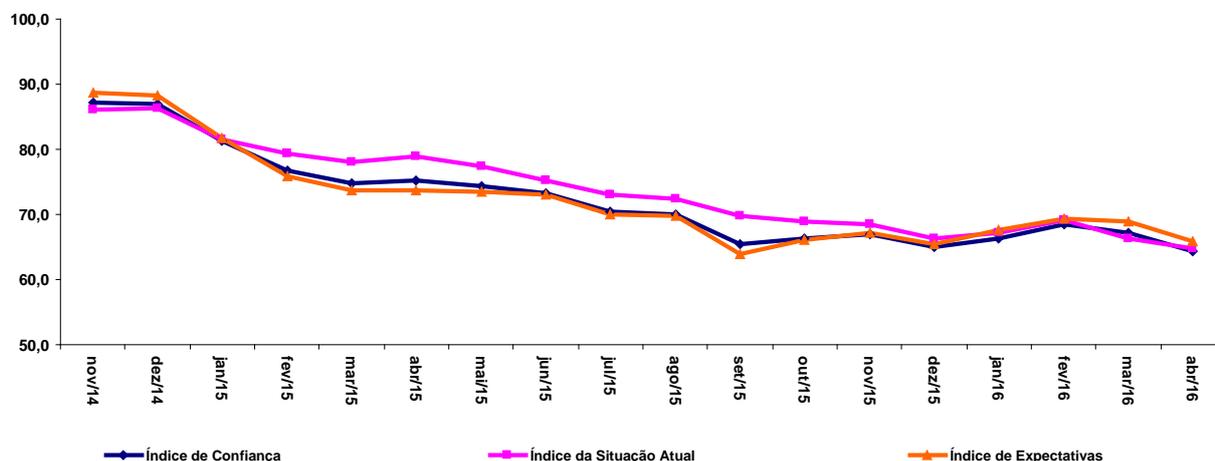
O segmento vem apresentando desde o início do ano, movimento suave de recuperação, porém ainda é muito cedo para afirma uma eventual recuperação do setor.

Atividade

ICC – Índice de Confiança do Consumidor – Sondagem do Consumidor (Abril/2016) – FGV

Fato

Entre os meses de março e abril, o ICC recuou 2,7 pontos chegando a 64,4 pontos, atingindo o menor nível da série histórica. O índice da Situação Atual diminuiu 1,6 pontos, passando de 66,3 para 64,7 pontos, novo mínimo histórico e o Índice das Expectativas caiu de 3,2 pontos, atingindo 65,8 pontos.



FONTE: FGV

Causa

O indicador que mede a satisfação dos consumidores com a situação financeira da família no momento caiu 4,1 pontos, ao passar de 61 para 56,9 pontos. Já o indicador que mede o grau de otimismo com relação aos próximos seis meses é o que mais contribuiu negativamente em abril, com queda de 8,9 pontos. Ambos indicadores atingiram o menor nível da série iniciada em setembro de 2005.

Consequência

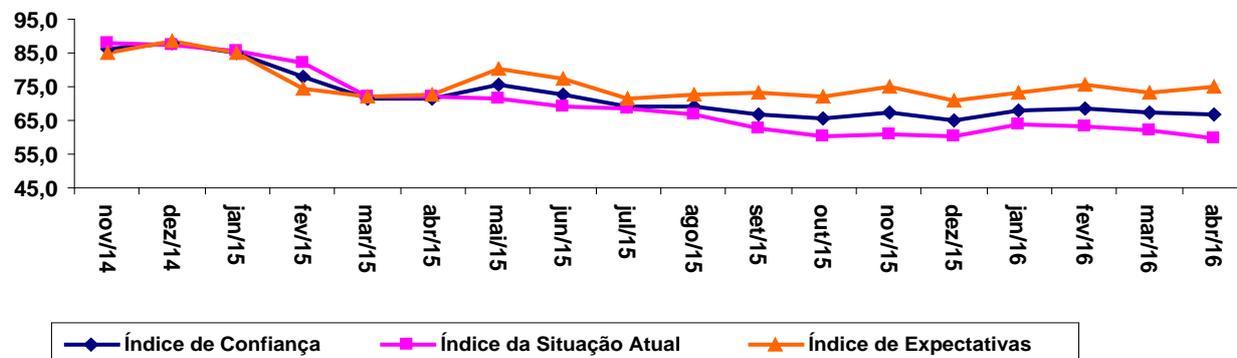
A queda no mês registra a extrema insatisfação com o momento presente e pessimismo frente aos próximos meses, resultado de cenários político e econômico negativos e de lenta resolução.

Atividade

ICom – Índice de Confiança do Comércio - Sondagem do Comércio (Abril/2016) – FGV

Fato

O Índice de Confiança do Comércio - ICom recuou 0,5 pontos entre março e abril, passando de 67,1 para 66,6 pontos. O Índice da Situação Atual – ISA caiu 2,5 pontos, chegando a 59,8 pontos, o menor mínimo da série, e o Índice de Expectativas - IE cresceu 1,5 pontos, atingindo 74,8 pontos.



FONTE: FGV

Causa

A involução do ICOM foi influenciada principalmente pela piora no ISA-COM em decorrência do pessimismo com relação à situação atual dos negócios, que caiu 6,6 pontos, chegando a 60,1 pontos, o menor nível da série histórica. No IE-COM a evolução da situação dos negócios no horizonte de seis meses, avançou 2,9 pontos, chegando a 76,4 pontos.

Consequência

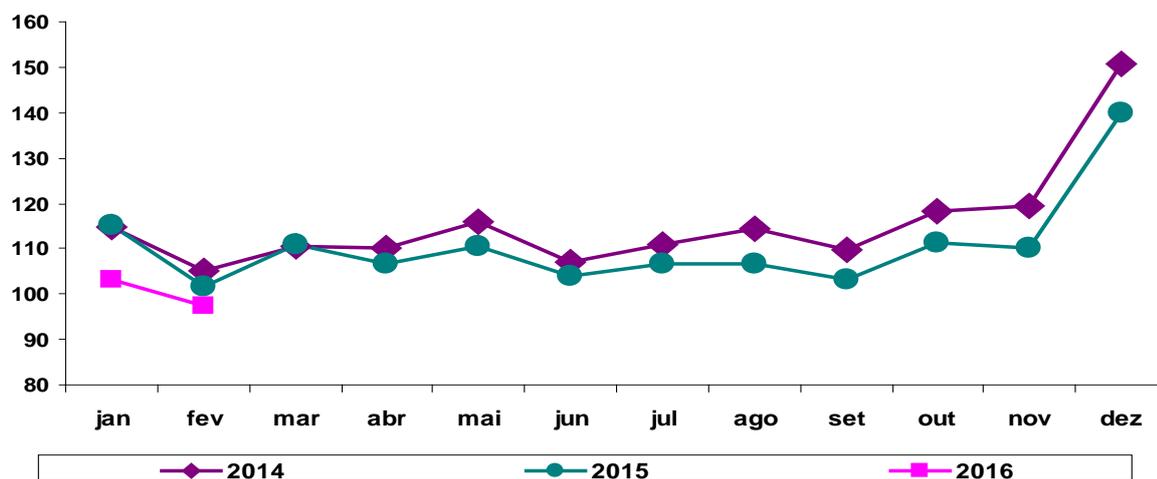
No momento atual a avaliação do setor continua desfavorável e deve seguir apresentando recuos. Para os próximos seis meses a percepção aponta para uma redução do pessimismo em relação à evolução dos negócios.

Atividade

Pesquisa Mensal do Comércio (Fevereiro/2015) – IBGE

Fato

No mês de fevereiro, o volume de vendas do comércio varejista teve aumento de 1,2% e a receita nominal avanço de 1,3%. Nas demais comparações, sem ajustamento, as taxas para o volume de vendas foram de recuo de 4,2% sobre fevereiro de 2015 e queda de 5,3% no acumulado em doze meses. A receita nominal obteve taxas de 7,3% com relação à igual mês de 2014 e 3,0% no acumulado em doze meses.



Índices de volume e de receita nominal de vendas no comércio varejista por tipos de índice (2003 = 100)

Causa

No confronto com fevereiro de 2015, apenas uma das oito atividades do varejo teve aumento no volume de vendas, Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 3,2%. Por ordem de contribuição à taxa global, as quedas foram as seguintes: Móveis e eletrodomésticos, 10,9%, Outros artigos de uso pessoal e doméstico, 11,4%, Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 1,4%, Tecidos, vestuário e calçados, 10,8%, Combustíveis e Lubrificantes, 4,1%, Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação, 17,3%, e Livros, jornais, revistas e papelaria, 16,3%.

No comércio varejista ampliado, ambas as atividades apresentaram recuo; Veículos, motos, partes e peças, 6,6% e Material de construção 11,1%,

Consequência

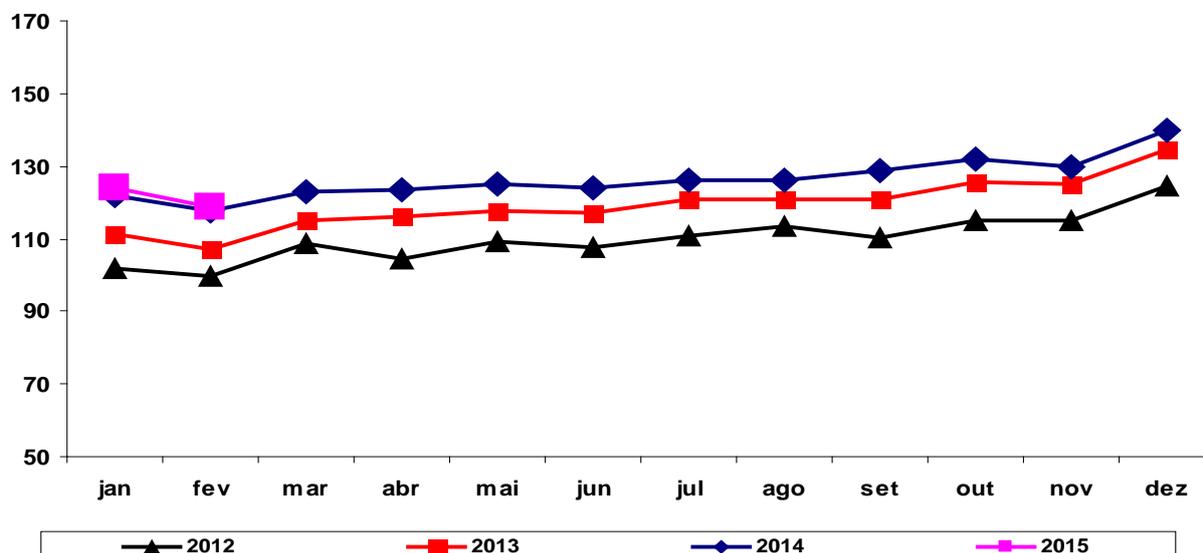
Apesar do avanço no mês, frente ao mês imediatamente anterior, a atividade do comércio varejista segue em baixa, decorrente do desaquecimento da economia, aquecimento nos preços e piores condições de acesso ao crédito. Para os próximos meses não são esperadas variações positivas intensas.

Atividade

Pesquisa Mensal de Serviços (Fevereiro/2016) – IBGE

Fato

No mês de fevereiro frente a igual mês do ano anterior, o volume de serviços recuou 4,0% e a receita nominal dos serviços cresceu 1,9%. No acumulado em doze meses a taxa do volume de serviços ficou em negativos 3,7% e a receita nominal cresceu 1,2%.



FONTE: IBGE

Índice de receita nominal de serviços (Base: Média de 2011 = 100) (Número índice)

Causa

No confronto com fevereiro de 2015, todos os segmentos apresentaram queda, por ordem de contribuição da taxa global as variações negativas foram: Serviços de Informação e Comunicação, 2,2 p.p., Serviços profissionais, administrativos e complementares, 0,8 p.p., Transportes, Serviços Auxiliares, dos Transportes e Correio, 0,6 p.p., Outros Serviços, 0,3 p.p. e Serviços Prestados às Famílias, 0,1 p.p.

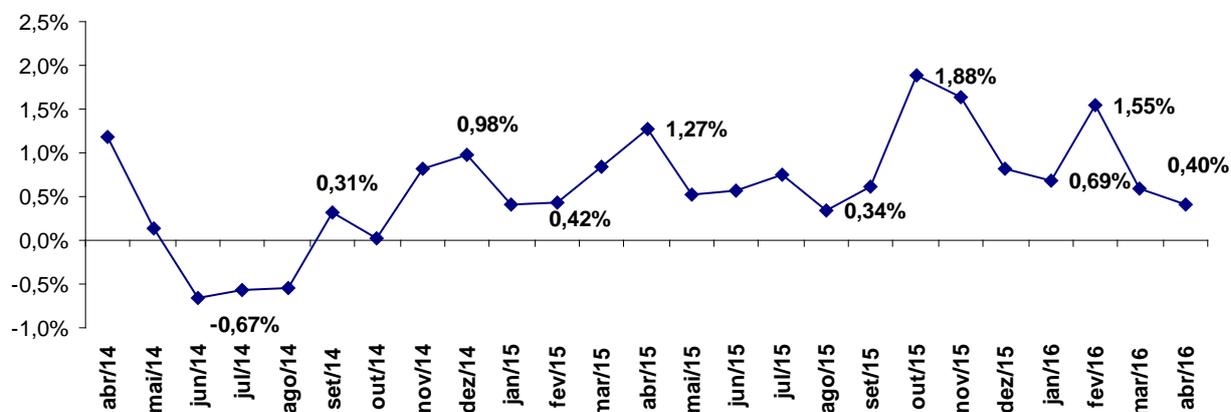
Consequência

De maneira semelhante a outros setores da economia o setor de serviços segue desaquecido, embora, apresentando recuo menos intenso que no ano anterior.

Inflação IGP-10 (Abril/2015) – FGV

Fato

O IGP-10 registrou variação de 0,40% em abril, diminuindo 0,18 p.p. em relação a março. No acumulado em doze meses a variação é de 10,82%.



FONTE: FGV

Causa

No mês de abril, dentre os componentes do IGP, o IPA diminuiu a taxa em 0,21 p.p., apresentando variação de 0,35%. Neste, ocorreu avanço em Matérias-Primas Brutas, 0,18 p.p., com variação de 1,15%, contribuíram para a maior variação do grupo: minério de ferro, laranja e soja. Os Bens Intermediários tiveram decréscimo de 0,18 p.p., com destaque para materiais e componentes para a manufatura. Os Bens Finais recuaram 0,68 p.p., consequência respectivamente da menor variação nos subgrupos e alimentos processados.

O IPC teve desaceleração de 0,18 p.p., com o grupo Habitação sendo o principal responsável pelo desaquecimento do índice, neste grupo destacou-se o item tarifa de eletricidade residencial. Os grupos Transportes, Comunicação, Despesas Diversas, Vestuário e Educação, Leitura e Recreação também apresentaram redução no índice de preços. O INCC teve aquecimento de 0,07 p.p., com maior variação em Mão de Obra.

Consequência

O índice volta a apresentar recuo no mês, principalmente. Para os próximos meses a expectativa é de continuidade no arrefecimento.

Inflação IGP-M (Abril/2016) – FGV

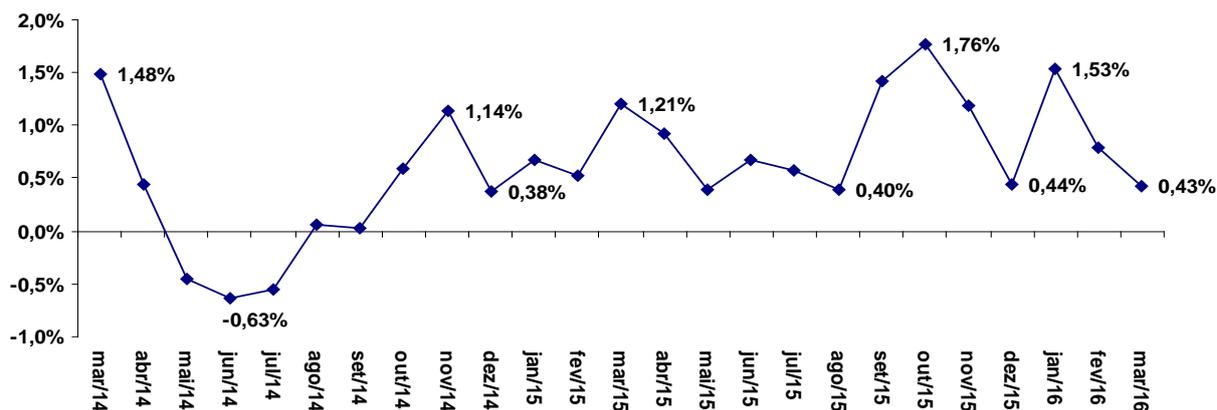
Fato

O IGP-M variou 0,33% em abril, 0,18 p.p. abaixo da variação de março. Em doze meses o acumulado é de 10,63%.

Causa

Dos índices que compõe o IGP-M, o IPA, que responde por 60% na composição do índice, registrou desaceleração de 0,15 p.p., com destaque para Bens Finais, que recuaram 1,22 p.p., principalmente em decorrência da menor variação de alimentos in natura. Os Bens Intermediários tiveram variação 0,01 p.p. menor, como consequência do decréscimo no preço dos materiais e componentes para a manufatura. As Matérias-Primas Brutas tiveram aceleração de 0,96 p.p., decorrente principalmente da maior variação dos preços da soja, milho e minério de ferro.

O IPC apresentou desaceleração de 0,19 p.p., principalmente devido a menor variação em Alimentação, como consequência do comportamento do item frutas. Outros cinco grupos apresentaram menor variação no mês: Habitação, Despesas Diversas, Comunicação, Transportes e Educação Leitura e Recreação. O INCC apresentou desaceleração de 0,38 p.p., com recuos em todos os componentes.



FONTE: FGV

Consequência

De forma similar a outros índices inflacionários o IGP-M segue recuando o que deverá ter influencia nos preços ao consumidor nos próximos períodos.

Inflação

IGP-DI (Março/2016) – FGV

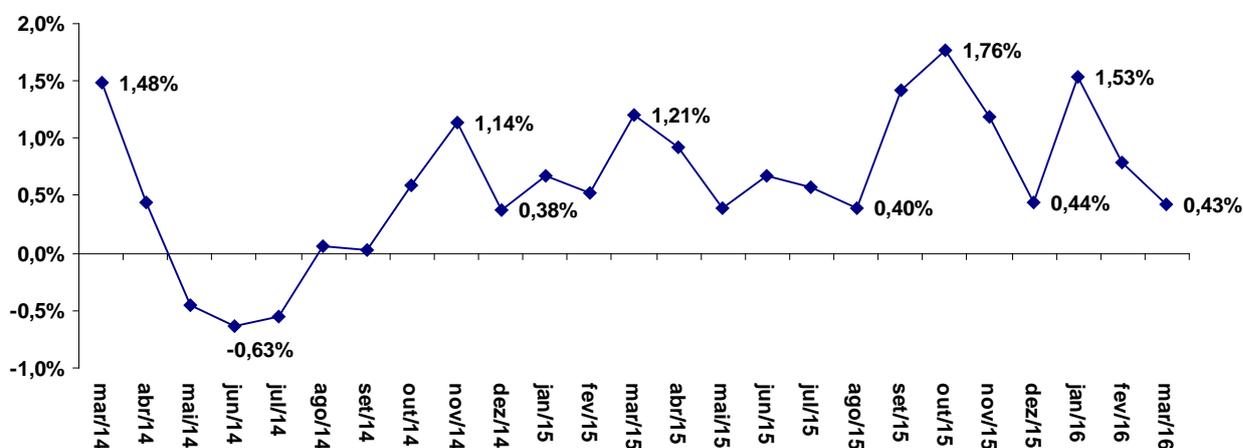
Fato

O Índice Geral de Preços Disponibilidade Interna - IGP-DI registrou variação de 0,43% em março, desacelerando-se 0,36 p.p. frente ao mês anterior. Nos últimos doze meses, o índice acumula alta de 11,07%.

Causa

Na composição do IGP-DI, o IPA diminuiu sua taxa de variação em 0,47 p.p., atingindo 0,37%. As Matérias-Primas tiveram a maior retração 0,72 p.p., com destaque para a menor variação em aipim, bovinos e soja. Os Bens Intermediários tiveram desaceleração de 0,63 p.p., sendo o principal responsável pelo recuo o subgrupo materiais e componentes para a manufatura. Os Bens Finais diminuíram a taxa de variação em 0,12 p.p., por conta de alimentos processados.

No IPC houve desaquecimento de 0,26 p.p., decorrente da desaceleração nos preços do grupo Habitação dado o recuo em tarifa de eletricidade residencial. Também apresentaram menor variação: Transportes, Educação, Leitura e Recreação, Despesas Diversas, Saúde e Cuidados Pessoais e Comunicação. O INCC registrou aceleração de 0,10 p.p., com retração em Materiais, Equipamentos e Serviços, 0,25 p.p. e aceleração em Mão de Obra, 0,41 p.p.



FONTE: FGV

Consequência

O IGP-DI apresentou a segunda desaceleração consecutiva, principalmente em decorrência dos preços no atacado, devendo estes recuos causarem repasses para os consumidores ao longo do ano.

Inflação

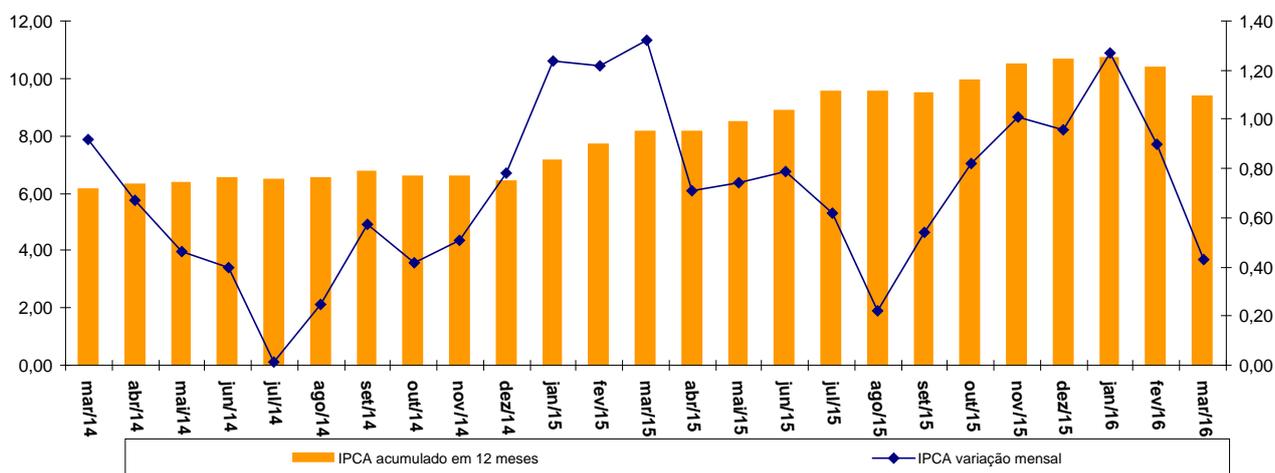
IPCA (Março/2016) – IBGE

Fato

O IPCA variou 0,43% em março, 0,47 p.p. abaixo da variação de fevereiro, sendo este o menor índice mensal desde 2012. O índice acumulado em doze meses é de 9,39%, abaixo dos doze meses imediatamente anteriores. No ano, o acumulado ficou em 2,62%, inferior aos 3,83% registrados em igual período de 2015. Em Curitiba o índice desacelerou-se 0,26 p.p., registrando variação de 0,57% em março, 2,13% no ano e 10,48% em doze meses.

Causa

No mês o principal responsável pela variação no índice foi o grupo Alimentação e Bebidas, com variação de 1,24% e impacto de 0,32 p.p., respondendo por 74% do índice. O grupo Educação passou de 5,90% para 0,63% de fevereiro para março, após o impacto dos reajustes ocorridos nas mensalidades escolares deste ano letivo.



FONTE: IBGE

Consequência

Apesar de ainda estar em patamar elevado, o resultado do IPCA apresentou recuo pelo segundo mês consecutivo, de maneira semelhante a outros índices de preço. A trajetória descendente deve permanecer pelos próximos meses.

Inflação

IPCA - 15 (Abril/2016) – IBGE

Fato

O IPCA - 15 registrou variação de 0,51% em abril, 0,08 p.p. acima do registrado em março. No ano o acumulado é de 3,32%, e em doze meses 9,34%. Em Curitiba a variação foi de 0,47%, 0,08 p.p., inferior a de março, acumulando 2,72% no ano e 9,60% em doze meses.

Causa

Os grupos Alimentação e Bebidas e Saúde e Cuidados Pessoais foram os que apresentaram os maiores resultados de grupo, 1,35% e 1,32%, respectivamente. Nos alimentos destacaram-se as frutas, cenoura, leite, hortaliças, batata-

inglesa e feijão-carioca. Em Saúde e Cuidados Pessoais o maior aumento ocorreu em remédios, 2,64%, reflexo de parte do reajuste de 12,5% em vigor a partir de 1º de abril.

Consequência

Apesar de apresentar algum arrefecimento ao longo dos meses, nos valores acumulados, a inflação segue em patamar elevado.

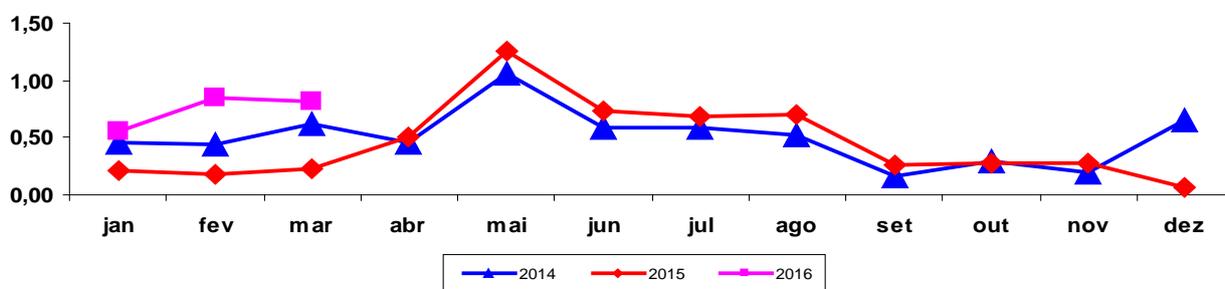
Inflação

Custos e Índices da Construção Civil (Março/2016) – IBGE - Caixa Econômica Federal

Fato

O Índice Nacional da Construção Civil variou 0,82% em março, 0,02 p.p. abaixo do resultado de fevereiro. Em doze meses, o acumulado é de 7,18%, acima dos 6,55% registrados nos doze meses imediatamente anteriores. O custo nacional por metro quadrado passou de R\$ 976,82, em fevereiro, para R\$ 984,81 em março sendo R\$ 525,38 relativos aos materiais e R\$ 459,43 à mão-de-obra.

No Estado do Paraná, as variações foram de 0,86% no mês e 8,42% em doze meses, e o custo médio atingiu R\$ 1.012,58.



FONTE: IBGE e CAIXA

Causa

Na composição do índice a parcela dos materiais variou 0,35%, 0,69 p.p. abaixo do índice de fevereiro, e a componente mão-de-obra, cresceu 0,75 p.p., passando de 0,60% em fevereiro para 1,35% em março. Nos três primeiros meses, os acumulados foram: 1,80% para materiais e 2,69% para mão-de-obra. No mês as variações regionais foram: 0,30% na Região Norte, 0,14% na Região Nordeste, 1,62% no Sudeste, 1,33% no Centro-Oeste e 1,84% no Sul. Ainda na verificação regional, os custos foram os seguintes: Sudeste, R\$ 1.026,97, Sul, R\$ 1.018,20, Norte, R\$ 1.009,38, Centro-Oeste, R\$ 988,63 e Nordeste R\$ 912,41.

Consequência

Os índices da construção civil voltaram a apresentar aceleração, principalmente como consequência do reajuste salarial ocorrido em Minas Gerais e no Maranhão.

Inflação

IPP - Índices de Preço ao Produtor (Março/2016) – IBGE

Fato

O IPP apresentou variação negativa de 1,21% em março, ficando, portanto inferior à variação do mês anterior que foi negativa de 0,63%. No acumulado em 12 meses a variação atingiu 5,25%. No acumulado do ano a variação segue negativa em 1,17%.

Causa

No mês, apenas oito das vinte e quatro atividades apresentaram variações positivas, as maiores variações foram em indústrias extrativas, outros equipamentos de transporte, fumo e outros produtos químicos. No indicador acumulado do ano, sobressaíram-se as variações positivas em indústrias extrativas, confecção de artigos de vestuário e acessórios

e produtos de metal. No acumulado em doze meses, as quatro maiores variações foram em indústrias extrativas, outros equipamentos de transporte, perfumaria, sabões e produtos de limpeza e fumo.

Consequência

A desaceleração dos preços ao produtor em março deve se configurar em menores pressões inflacionárias por meio do menor repasse para os preços no varejo.

Operações de Crédito

Nota à Imprensa (Março/2016) - BACEN

Fato

O estoque das operações de crédito do sistema financeiro atingiu R\$ 3.161 bilhões em março. A relação entre o crédito total e o PIB recuou 0,5 p.p. frente ao mês anterior e avançou apenas 0,4 p.p. na comparação com março de 2015. A taxa média geral de juros das operações de crédito do sistema financeiro, computadas as operações com recursos livres e direcionados atingiu 32% a.a., o maior patamar da série histórica iniciada em março de 2011 e a taxa de inadimplência atingiu 3,5%, mantendo-se estável no mês e crescendo 0,7 p.p. em doze meses.

Causa

O volume total das operações de crédito em abril apresentou retração de 0,7% no mês e crescimento de 3,3% em doze meses. Os empréstimos contratados com recursos livres, que representam 50,4% do total, atingiram R\$ 1.592 bilhões, diminuindo 0,6% no mês e aumentando 0,9% com relação a março de 2015. No segmento de pessoa jurídica, houve queda de 1,1% no mês chegando a R\$ 793 bilhões. Os empréstimos realizados às pessoas físicas diminuiram 0,2%, chegando a R\$ 800 bilhões.

No crédito direcionado houve declínio de 0,7% no mês e aumento de 5,8% em doze meses, chegando a R\$ 1.568 bilhões. Esse desempenho resultou de decréscimo mensal de 2,0% em pessoas jurídicas e avanço de 0,9% nos financiamentos a pessoas físicas.

As taxas médias geral de juros apresentaram elevação de 0,2 p.p. no mês e 6,1 p.p. em doze meses. Considerando apenas o crédito livre, o custo médio situou-se em 50,9%, com altas de 0,3 p.p. no mês e 10,0 p.p. em doze meses. Para pessoa física a taxa média de juros no crédito livre atingiu 69,2% a.a., com alta de 1,3 no mês. Nas pessoas jurídicas, ainda no crédito livre a taxa situou-se em 31%, com retração de 0,9 p.p. no mês.

A taxa de inadimplência do sistema financeiro atingiu 3,5%. A taxa de inadimplência relativa a pessoas físicas situou-se em 4,3% e para pessoas jurídicas, 2,9%.

Consequência

No mês houve retração na contratação de crédito, o que deverá se manter ao longo dos próximos meses, podendo alguma recuperação ocorrer no segundo semestre.

Setor Externo

Nota à Imprensa (Março/2016) - BACEN

Fato

Em março, as transações correntes apresentaram déficit de US\$ 855 milhões. Em março as reservas internacionais aumentaram US\$ 3,5 bilhões frente ao mês anterior, totalizando US\$ 375,2 bilhões e a dívida externa somou US\$ 333,6 bilhões.

Causa

No que tange ao Balanço de Pagamentos, o saldo da conta de transações correntes foi negativo em US\$ 855 milhões, acumulando nos últimos doze meses, déficit de US\$ 41,4 bilhões, equivalente a 2,39% do PIB, decorrente principalmente da conta de serviços, com déficit de US\$ 2,9 bilhões. A conta capital e financeira registrou entrada líquida de US\$ 355 milhões. Destacaram-se no mês, os investimentos diretos no país US\$ 5,6 bilhões.

As reservas durante o mês de abril tiveram aumento de US\$ 3,5 bilhões, em decorrência do estoque de linhas de recompra. A dívida externa registrou redução de US\$ 1,0 bilhão, frente a dezembro de 2015. A composição ficou da seguinte forma: US\$ 274,6 bilhões de longo prazo e US\$ 59 bilhões de curto prazo.

Consequência

Nos indicadores externos da economia brasileira ainda é bastante preocupante o déficit em transações correntes, causado principalmente pela balança de serviços.

Política Fiscal

Nota à Imprensa (Março/2016) - BACEN

Fato

Em março, o setor público não financeiro registrou déficit de R\$ 10,6 bilhões. Considerando o fluxo de doze meses o acumulado atingiu déficit de R\$ 136 bilhões (2,28% do PIB). A dívida líquida do setor público alcançou R\$ 2.314,8 bilhões (38,9% do PIB), aumentando 2,1 p.p. como proporção do PIB em relação ao mês anterior. No ano a relação avançou 2,7 p.p. O montante dos juros apropriados atingiu R\$ 443,3 bilhões em doze meses. O resultado nominal registrou déficit de R\$ 10 bilhões no mês e no acumulado em doze meses o déficit atingiu R\$ 579,3 bilhões (9,73% do PIB).

Causa

Na composição do resultado primário, o déficit do Governo Central atingiu R\$ 8,9 bilhões os governos regionais, R\$ 893 milhões e as empresas estatais R\$ 806 milhões. Com relação à Dívida Líquida do Setor Público como percentual do PIB, no ano, a elevação foi consequência da incorporação de juros, do déficit primário e do impacto da valorização cambial. Em sentido contrário, contribuiu o crescimento do PIB nominal e o ajuste de paridade da cesta de moedas da dívida externa líquida.

Consequência

As contas públicas seguem apresentando deterioração sendo premente, para a recuperação econômica, a necessidade de apresentar resultados fiscais mais favoráveis nos próximos meses.